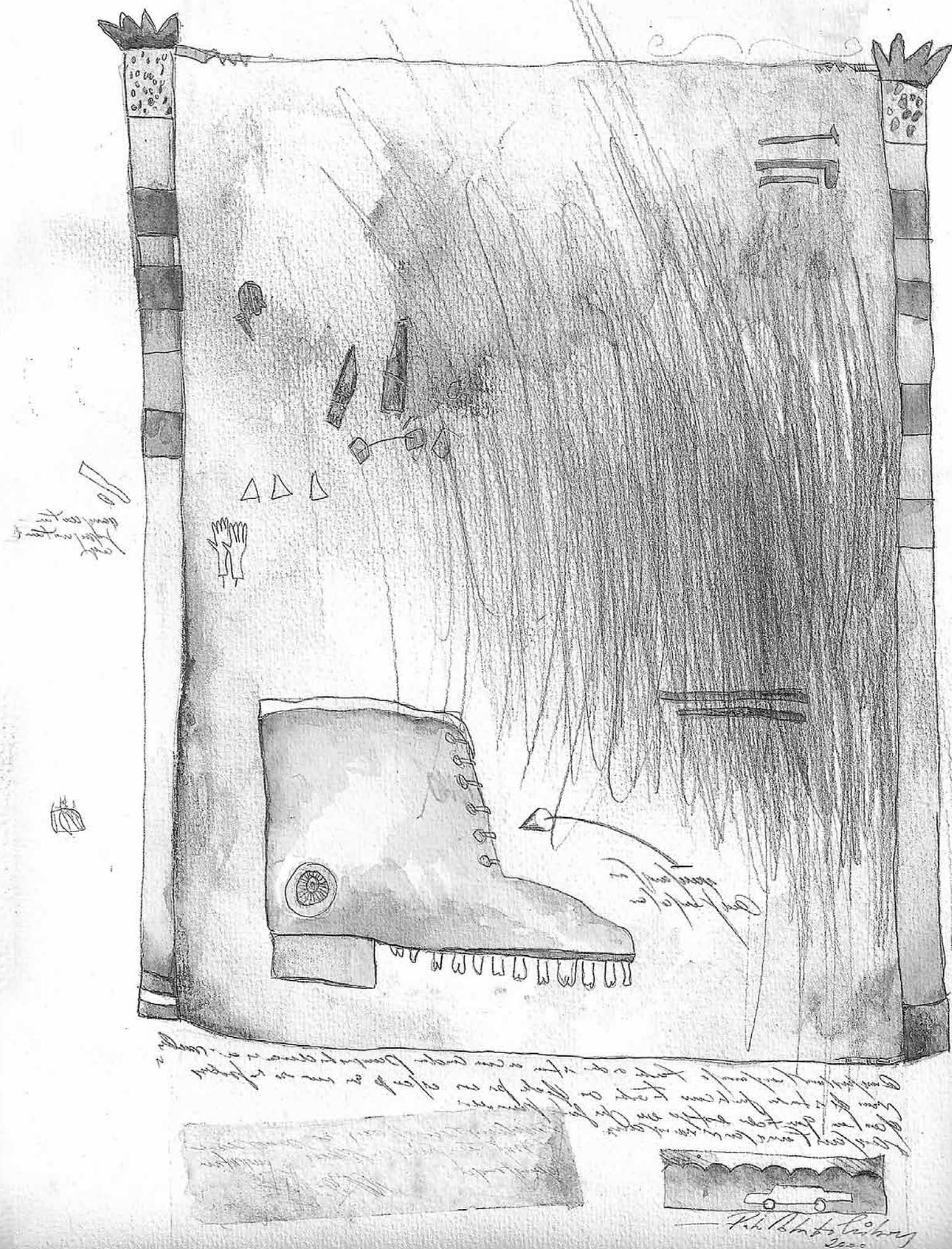


SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Janeiro/Fevereiro 2012
Edição nº 1.340
Secretaria de Estado de Cultura



Luiz Vilela, mineiro de Ituiutaba, ainda despontava como um dos talentos da geração de contistas surgida nos anos 1960 quando conquistou, concorrendo com escritores já consagrados, o então mais importante concurso literário do Brasil, o Prêmio Nacional de Ficção, em Brasília, por seu primeiro livro de contos, *Tremor de Terra*. Hoje, escritor reconhecido internacionalmente e autor de muitos outros volumes de contos e alguns romances, está lançando o livro *Perdição* (Editora Record, 2011), no qual reafirma a solidez de seu texto. Neste número, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* exibe um trecho desse romance, uma entrevista com o autor e um ensaio do também escritor Francisco de Moraes Mendes sobre a recente obra de Vilela.

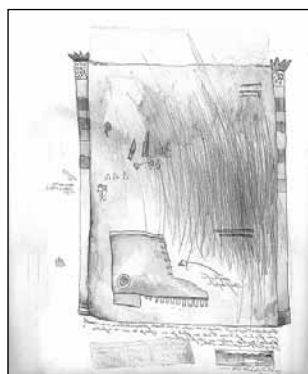
Ainda na ficção, apresentamos textos selecionados de Beatriz Teixeira de Salles – autora que, em 1986, dividiu com seu pai, José Bento Teixeira de Salles, o volume *Tarde Manhã – Um diálogo de duas gerações* –, contos de Antônio Carlos Braga, Carlos Roberto Pellegrino e Jeter Neves, vencedor, na categoria Ficção, do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2011, com o romance *Vila Vermelho*.

A poesia comparece nos trabalhos de Nicole Cristofalo, Álvaro Andrade Garcia e Reynaldo Bessa. Há, ainda, uma entrevista inédita com Ferreira Gullar.

Para completar, a ensaísta Berta Waldman escreve sobre *Diário da queda*, de Michel Laub.

O desenho da capa é do artista plástico Paulo Lisboa.

SUPLEMENTO



Capa: Paulo Lisboa

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Superintendente do SLMG
Diretor de Apoio Técnico
Diretor de Articulação e Promoção Literária
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio
Jornalista Responsável

Textos assinados são de
responsabilidade dos autores

Antonio Augusto Junho Anastasia
Eliane Parreiras
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
João Pombo Barile
Plínio Fernandes – Traço Leal
Carol Luz
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos e Mariane Macedo Nunes (estagiária)
Fabrício Marques – JP 04663 MG

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

“O que há no mundo é um excesso de mentira, o que me causa muita indignação e me leva a continuar escrevendo”, diz Luiz Vilela, a certa altura desta entrevista que concedeu, por e-mail, ao *Suplemento Literário de Minas Gerais*. O escritor nasceu em Ituiutaba, Minas, em 31 de dezembro de 1942. Aos 69 anos, acaba de lançar, pela Record, *Perdição*, seu quinto romance (completam a lista *Os novos*, *O inferno é aqui mesmo*, *Entre amigos* e *Graça*). Publicou ainda 19 livros de contos, incluindo as antologias, e três novelas: *O choro no travesseiro*, *Te amo sobre todas as coisas* e *Bóris e Dóris*. Leia a seguir a entrevista, completada por uma resenha a respeito de *Perdição*, de Francisco de Moraes Mendes, e um trecho do livro.

Perdição

SEGUNDO LUIZ VILELA

Como surgiu o *Perdição*?

Uma editora de São Paulo ia fazer, como de fato fez, uma antologia de contos baseados nos 12 apóstolos. Eu fui o primeiro autor a ser convidado e podia, assim, escolher o apóstolo que eu quisesse. Aceitei o convite e escolhi, na mesma hora, o apóstolo: São Pedro. Poucos dias depois comecei a escrever o conto. Ele foi crescendo além do que eu esperava e acabou por se transformar numa novela. Desisti da antologia e continuei trabalhando na novela, que, por sua vez, também foi crescendo e acabou por se transformar num romance. Nesta brincadeira, mais de dez anos se passaram...



Você disse, numa entrevista, que só consegue escrever uma história quando tem o ritmo dela: qual é o ritmo do *Perdição*?

Eu não tenho como dizer qual é o ritmo do *Perdição*, mas posso dizer que há nele, sim, um ritmo, uma cadência, que o leitor mais sensível, lendo o livro, percebe. Aliás, vários críticos, ultimamente, ao comentar a minha obra, têm falado, com razão, na “musicalidade” do meu estilo.

Em dezembro do ano passado completaram-se 40 anos da publicação de *Os novos* e, segundo soubemos, sai este ano, pela Record, a 3.ª edição dele. Na época em que foi lançado, o livro dividiu a crítica...

Sim, dividiu, ele recebeu confetes e pedradas. De todos os meus livros, *Os novos* foi o que teve a história mais tormentosa, não só quanto à crítica, mas também quanto à publicação e quanto à própria criação. Aconteceu de tudo com ele. Um dia, lembrando-me dessas coisas, eu pensei: “Puxa, isso daria um livro!” Pus mãos à obra, fui aos meus arquivos e pesquisei, durante um bom tempo, em livros, artigos, cartas, diários, anotações e fotos. Reuni tudo o que consegui, e aqui está livro: *Os novos: a história de um livro*. Não sei ainda por qual editora ele sairá, mas o certo é que ele também sai este ano. É um livro que, acredito, vai interessar não só aos meus leitores, mas a qualquer estudioso da literatura e, particularmente, aos jovens escritores que estão às voltas com a criação ou a publicação dos primeiros livros.

A nova edição de *Os novos* é um bom pretexto para falarmos de política: os personagens do livro viviam sob a ditadura militar, que marcou o país; passado esse período, como você avalia os governos civis que sucederam a ditadura, a partir de 1985?

Primeiro, que um pretexto para falar de política nunca pode ser bom. E, segundo, que não gosto de falar de política e não vou falar aqui.

Na noite de 20 de abril de 1967, em Belo Horizonte, na Livraria do Estudante, você, aos 24 anos, lançava o seu primeiro livro, de contos, *Tremor de terra*. Nessa mesma noite, você recebia a notícia de que o livro ganhara, em Brasília, disputado com 250 escritores, o Prêmio Nacional de Ficção, então o maior prêmio literário do país. O que significou tudo isso para você?

I'm sorry, mas não aguento mais falar sobre isso, depois de já ter falado milhares de vezes em entrevistas, depoimentos e palestras. Façamos o seguinte: ponha-se no meu lugar, amável leitor, e imagine tudo o que eu possa ter sentido e a importância que isso teve para mim. Imaginou? Pois é isso.

Ainda em 1967, num artigo sobre o *Tremor*, publicado no *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, "Prêmio Nacional de Ficção", Maria Lúcia Torres Lepecki, que há pouco nos deixou, falou de "um mundo absurdo, mas tranquilamente absurdo". Você concorda com essa análise?

Sim, concordo. O artigo todo é muito bom, e eu o tenho até hoje como um dos melhores já escritos sobre algum livro meu. Mas citemos a frase inteira, que vale a pena: "A impressão que resta da leitura do livro é a de um mundo absurdo, mas tranquilamente absurdo, como se outra coisa não pudesse ser nem se esperasse que fosse."

Você tem 125 contos publicados; é uma tarefa difícil, mas, se tivesse de eleger entre eles os 5 contos mais representativos para apresentar a um novo leitor, quais você elegeria?

Arredondemos para 130 os contos, já que, depois de meu último livro de contos publicado, *A cabeça*, eu publiquei, em diferentes lugares, mais 5 contos. Bom, não só difícil é a tarefa, como também perigosa, porque, se eu elegesse os tais 5 contos, as pessoas depois só falariam neles. De resto, como representação de meus contos, já existem as minhas antologias, hoje mais de uma dúzia: *Contos escolhidos*, *Contos*, *Os Melhores Contos de Luiz Vilela* e outras tantas...

Você disse certa vez que leu, na adolescência, dezenas de autores, entre clássicos e modernos. Que importância teve essas leituras na sua formação de escritor?

Uma importância decisiva. Se alguma coisa eu sou como escritor e se alguma coisa são os meus livros, eu devo isso, em grande parte, aos autores que eu li na adolescência. Sem eles, eu certamente não seria o que sou nem teria escrito o que escrevi.

No final dos anos 60 você ganhou uma bolsa da Fundação Ford e passou nove meses nos Estados Unidos, em Iowa City, Iowa, como participante do *International Writing Program*. O que você lembra desse período?

Eu lembro de tudo: dos dias e das noites, dos amigos, das meninas, das conversas, das festas, das músicas, dos filmes, das revistas, das comidas, das ruas, do rio, da neve... Mas lembro, sobretudo, de um jovem escritor de 25 anos escrevendo às vezes até doze horas seguidas para acabar o seu primeiro romance, romance que veio a se chamar *Os novos*...

Segundo declaração sua numa entrevista ao programa *Espaço Aberto*, da *Globo News*, você teria voltado para a sua cidade para pescar...

Esse foi realmente um dos motivos, mas não foi, é claro, o único. Nessa época, com a construção da usina de Cachoeira Dourada, no Rio Paranaíba, parte da fazenda de meu pai foi inundada, criando ótimas condições para a pesca. E então eu, que sempre gostara muito de pescar, aproveitei como pude, indo lá várias vezes para pescar, na margem ou de canoa, sozinho ou com algum amigo. De minhas pescarias,

PONHA-SE NO MEU LUGAR, AMÁVEL LEITOR, E IMAGINE
TUDO O QUE EU POSSA TER SENTIDO E A IMPORTÂNCIA
QUE ISSO TEVE PARA MIM. IMAGINOU? POIS É ISSO.

muitos reflexos aparecem no *Perdição*: no pescador, no lago, e até na maneira de se comer uma traíra, "rodelinhas fritas, bem sequinhas", como diz lá o narrador...

Há também, nas informações biográficas sobre você, a de que, na sua volta para Ituiutaba, você comprou um sítio e passou a criar vacas leiteiras...

É verdade. Como bom mineiro, eu queria ter o meu chãozinho e criar as minhas vaquinhas. E aí adquiri um sítio e, em seguida, algumas vacas. Tempos depois, a convite da revista *Globo Rural*, eu escrevi uma crônica, "Ter um sítio", na qual contava, com base na minha experiência, as maravilhas e

as agruras de um proprietário de sítio. Foi um sucesso. Além das cartas à redação, era frequente alguém me parar na rua para dizer que com ele também havia acontecido tudo aquilo. Até hoje, mais de vinte anos depois, ainda há pessoas que vêm me falar dessa crônica. "Você disse tudo lá", comentou uma delas recentemente. Tudo, eu não disse, mas acho que fiz, de maneira descontraída, um bom resumo...

Você, depois da temporada nos Estados Unidos, passou, em diferentes ocasiões, temporadas em outros países: Espanha, Cuba, México, Alemanha... O que significou para você essas viagens?

Cada uma teve um significado especial, mas todas significaram muito, tanto para o escritor quanto para o homem.

Você tem uma disciplina de trabalho?

Não, nenhuma disciplina. Escrevo quando quero e posso, a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana.

"Desisti de escrever porque há um excesso de verdade no mundo", disse Otto Rank. Como você avalia essa afirmação?

Como não conheço o contexto em que ela foi feita, não posso avaliá-la. Quanto a mim, o que eu acho que há no mundo é um excesso de mentira, o que me causa muita indignação e me leva a continuar escrevendo.

É verdade que você aprecia bastante o cinema americano? Penso em diretores como John Ford, que se preocupavam, antes de tudo, em contar uma história...

Sou, desde menino, fanático por cinema, e entre os filmes de que mais gostei até hoje estão realmente muitos do cinema americano. John Ford é, claro, um dos diretores, e um dos motivos é, sem dúvida, o de contar uma história. Seja no cinema, na literatura ou na vida, quem não gosta de uma boa história?

Alguns de seus contos já viraram filmes, como, por exemplo, o "Françoise", que foi adaptado por Rafael Conde, e o "Dois homens", que foi adaptado por Helvécio Marins Jr.. Há também o conto

"Tarde da noite", que foi adaptado pelo Roberto Farias para a Rede Globo e exibido na série *Brava Gente*, e outros mais. Você acha que os seus contos possuem uma vocação para serem adaptados para a linguagem audiovisual?

Dizem os cineastas que sim, e a prova é a quantidade de adaptações que já foram feitas. O meu grande sonho agora é ver, nas telas do cinema, o *Perdição*. Eu, que não sou cineasta nem nunca pretendi ser, às vezes fico imaginando as cenas, os personagens, os locais...

A Fundação Cultural de Ituiutaba já promoveu 21 edições do Concurso de Contos Luiz Vilela e quatro da Semana Luiz Vilela. Essa, por assim dizer, institucionalização de seu nome o agrada ou o incomoda?

O Concurso tem servido para revelar e divulgar escritores do Brasil inteiro. Ele é hoje um dos concursos mais concorridos do país e chegou a ter, numa de suas edições, mais de 2.000 contos concorrentes. Ele é, assim, uma importante contribuição que a minha cidade, usando o meu nome, dá à literatura brasileira. Só posso achar isso bom. Quanto à Semana, ela foi criada para estudar e divulgar a minha obra, visando principalmente os estudantes da cidade a região, o que também só posso achar bom, não é mesmo?

Embora você de vez em quando participe, como convidado, de eventos literários nacionais, como as bienais do livro, a Flip, os Encontros de Interrogação, do Itaú Cultural, o Laboratório do Escritor, do CCB, e outros, a sua postura é considerada relativamente discreta...

Discreta é eufemismo. Eu já fui chamado, há mais tempo, na *Veja*, de "eremita precoce", e, mais tarde, na *IstoÉ*, de "o ermitão de Ituiutaba". Hoje, que estou na idade altamente sexy dos 69, prefiro ser chamado de anacoreta, e até já fiz, para uso próprio, um dístico: "Sou anacoreta, mas não dispense uma..." Corneta, digamos...

Um colunista de um jornal mineiro disse que depois de Jorge Amado, cujo centenário de nascimento se comemora este ano, e de Guimarães Rosa, não surgiu nenhum escritor brasileiro importante...

Ele disse isso porque ainda não leu os meus livros... Acho que eu vou mandar para ele, de presente, um exemplar do *Perdição*...

Em 1978, durante o XII Encontro Nacional de Escritores, em Brasília, numa palestra sua intitulada "Por que escrevo ficção", mais tarde publicada na edição comemorativa do número 1000 deste *Suplemento*, você disse o seguinte: "Escrevo ficção por uma necessidade de contar histórias, não importa a quem nem para quê. Uma necessidade que surgiu na adolescência e que com o tempo se tornou tão vital quanto comer e dormir, e, em certas circunstâncias, até mais. Hoje, não consigo me imaginar vivendo sem escrever. Parar de escrever seria uma espécie de morte – seria realmente morrer. Assim, sabendo ou não sabendo por quê, escrever ficção é o que eu faço e é o que eu certamente farei até o fim de minha vida." Você alteraria algo nesta declaração ou lhe acrescentaria algo?

Não, eu não alteraria nem acrescentaria nada. Mas gostaria de dizer, aqui, que, de lá para cá, nestas três décadas, eu publiquei dois livros de contos, três novelas e quatro romances, além de ter escrito, nos últimos anos, para próxima publicação, um novo livro de contos, uma nova novela e um novo romance. Ou seja, eu nunca parei nem me desviei de minha meta. Tendo começado a escrever aos 13 anos, já são, portanto, 55 anos escrevendo ficção. E é isso o que eu, agora, espero continuar fazendo até o fim de minha vida: escrever ficção.



POR AQUELAS PALAVRAS

FRANCISCO DE MORAIS MENDES

Um lago habitado por monstros mitológicos numa cidade onde se convive com feiticeiros, videntes, curandeiros, pastores conclamando para a fé. Parece que estamos na Idade Média ou, mais longe ainda, nos tempos bíblicos, pois há também um pescador convocado para fisgar almas para Deus. Não, nada disso: ao lado dessas figurações estão as descobertas científicas e a internet, bombardeando as pessoas com informações – o poderoso ômega-3, encontrado na carne do peixe, e o potássio, na banana – para salvar os corpos, e uma igreja que trocou o culto das religiões tradicionais, o culto ao sofrimento e à miséria, pela alegria. Em lugar da cruz que representa a morte, um coração que representa o amor. É a proposta da Igreja Mundial do Senhor Jesus, que tem à frente a imponente figura de Mister Jones.

Mostrar como anda o mundo assim configurado é a proposta de *Perdição* (Record, 2011, 400 págs.), o quinto e mais volumoso romance de Luiz Vilela, escrito ao longo de dez anos. Nesse período, o autor publicou dois outros livros, a coletânea de contos *A cabeça* (Cosac & Naify, 2002) e a novela *Bóris e Dóris* (Record, 2006). Quando se trata de um livro de Vilela, quem conhece suas obras já sabe o que irá encontrar: uma narrativa que flui desprentensiosa como uma conversa de bar. Prosa límpida, direta, sem floreios nem rodeios. A simplicidade, outra característica de suas narrativas, é enganosa. Há uma sofisticada arquitetura a sustentar o texto, que enreda o leitor, que expõe de maneira crua o vazio que respiramos. Se me dão licença para uma metáfora com a água – elemento que é dos mais fortes personagens do livro – e este dilúvio de janeiro, diria que a literatura de Luiz Vilela alcança o leitor não como uma inundação; ela o alcança como uma infiltração, corroendo aos poucos o edifício das nossas certezas.



Luiz Vilela pescando no Rio Paranaíba, 1970

CONTAR SEM PRESSA

Os principais protagonistas de *Perdição* são Leonardo – o Leo –, um pescador de espírito inquieto; o narrador Ramon, um professor de português que se formou na capital e retornou à sua cidade e trocou a sala de aula pela redação de um jornal; Mosquito, um vendedor de pimenta na feira; a envolvente Gislaine e a pequena Kelly, mulher e filha de Leo; e Mister Jones, o pastor. Contracenando com eles, uma galeria de criaturas capaz de representar as espécies humana e animal em seus mais variados matizes – Luzia, a vidente, e sua escudeira, a anã Toquinha; o feiticeiro Beijo de Égua e seu urubu, Valdivino; os vereadores Daniel Coca-Cola e Muriel Dicionário, sem falar no cachorro Chicão.

Em poucas linhas, Ramon descreve o tormento por que passava quando o pai de Leonardo, Sô Mero (de Homero, não por acaso), a caminho do lago aonde iam pescar, parava numa vendinha para dois dedos de prosa. Diante de uma garrafa de refrigerante vazia, os meninos esperavam que o homem terminasse de contar histórias. Se para o filho ficou a herança de expressar-se bem, mesmo sem ter muita instrução, para Ramon ficou uma lição: “Um bom contador de histórias não pode ter pressa. Para um bom contador de histórias todo o tempo do mundo é pouco.”

É sem pressa que Ramon propõe-se a relatar a história, dividida em três partes que resumem a trajetória do amigo: “O rapaz dos peixes”, “Pastor das almas” e “Ninguém”. O propósito do narrador tem como resultado um retrato desencantado da vida contemporânea. Para Barroso, o dono do jornal onde trabalha Ramon, seria bom se a realidade fosse simples como um filme de faroeste, em que os papéis são claramente definidos: o bandido é sempre bandido, o mocinho sempre mocinho, a mocinha e o bobão sempre mocinha e bobão, até o final. Seria muito simples e sem problemas.

O FUNDO DO LAGO

O mundo, porém é mais complexo. Já nas primeiras páginas, encontram-se Leo e Ramon à beira do lago de Flor do Campo, cidade imaginária de Minas Gerais. Embora passado no interior, é um romance de feição urbana. A vida é urbana, os dramas urbanos. Bem, os dramas são humanos, são universais. Mais que peixes, Leo – louro, de olhos verdes e conversa fácil – quer pescar o sentido da vida, na linha daquele verso de Caetano Veloso: “existirmos, a que será que se destina?” Ramon, em suas respostas, mostra-se o descrente absoluto: a gente nasce para morrer; nasce, vive e morre. Leo retruca: não, a gente nasce com uma missão.

O jovem de espírito questionador cai nas redes e nas graças de dois pastores do Rio de Janeiro. Perdidos numa viagem de uma fazenda a Flor do Campo, vão dar na beira do lago, com seus ternos vistosos e um carrão. Lembrando que Pedro, o apóstolo também era um simples pescador, convidam o jovem para um encontro com Mister Jones num hotel da cidade.

O dilema do rapaz é sua pequenez diante do mundo e sua pergunta é sobre o insondável: o que tem no fundo do lago? Já Mister Jones, na tentativa de convencer o jovem a entrar para a igreja, parece mais preocupado com o cuidado com as mãos. Para Leo, de mãos calejadas pela pescaria, isso é coisa de mulher ou de bicha. Sua intenção de ir embora com os missionários é desaconselhada pela mulher, pelos amigos e pela vidente Luzia, a cega que enxerga pelos olhos de um gato.

Pouco tempo depois, ele se desfaz da barraca na feira, vende a casa e vai-se embora, para o Rio de Janeiro, com a mulher e a filha. Ao deixar a cidade, ele diz a Mosquito que “tem sofrimento demais neste mundo para a gente ficar aqui parado”. A Ramon diz Mosquito: “O Leo acha que vai consertar o mundo. O que é o mundo?” Ramon, que é um defensor intransigente dos animais, responde que “o mundo é um cão sem dono, magro e faminto, andando à noite na chuva, com todas as luzes da rua apagadas e todas as portas das casas fechadas”.

A trajetória de Leo assemelha-se à do herói das epopeias – o herói é apresentado, o destino propõe a ele um desafio, ele parte e depois retorna, vencedor ou vencido. Como nos relatos épicos, há uma prova, que definirá seu destino, e um hiato em sua vida. A prova é uma tragédia familiar que confrontará a crença de Leo, e o hiato é sobre sua passagem pelo Rio de Janeiro, preenchida pelas versões discrepantes de um professor, uma cabeleireira e um caminhoneiro.

Em seu retorno, o herói silencia sobre seus feitos. Prestar contas por meio do silêncio não é uma boa estratégia, pois, calando-se, deixa que outras vozes ocupem o lugar de sua voz. Há vencedores, há vencidos neste romance? Bem, a história termina com uma cerimônia católica, com o padre citando, não por acaso, uma passagem do Apocalipse. Antes de partir, Leo comenta, com Ramon, que ficou perturbado por aquelas palavras, a referência dos pastores ao apóstolo Pedro. É pelas palavras que a coisa pega neste romance.

SEM PAPAS NA LÍNGUA

No evangelho de Mateus, há uma passagem em que Jesus Cristo diz aos escribas e fariseus em Jerusalém: “O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem.” A perdição das pessoas se dá pela palavra. Em alguns casos, pelas barbaridades que as pessoas são capazes de dizer.

Ramon é um mestre da ironia. Seus interlocutores nem sempre parecem dar-se conta do sarcasmo com que são tratados suas crenças e valores. Mergulhado numa realidade mesquinha, resta a Ramon brincar com o que ele sabe – as palavras. O chiste e o sarcasmo tornam-se uma mania a ponto de ele quase perder o controle, de não conseguir evitá-los.

Os diálogos, a par de imprimirem um ritmo vigoroso à narrativa, expõem os personagens no que eles têm de melhor e de pior. E, pelas

palavras, a perdição é geral. Pouco se salva quando se trata da conversa privada. Os preconceitos raciais e de gênero e o descaso para com o outro são assinalados em cada conversa. Dona Nenzinha, proprietária da pensão em que se hospeda Leo ao voltar do Rio, é devota de anotar num caderno as graças alcançadas, mas tem um horror verdadeiro à ideia de Cristo ser preto – hipótese levantada por Ramon, numa de suas provocações. “É coisa do demônio”, ela afirma. Mas o demônio também é preto – continua Ramon. “O demônio pode ser. O demônio eu acho que é mesmo preto. Mas Jesus?”

Da contaminação pelo que sai da boca, nem o Leo tornado Pastor Pedro escapa. De passagem pela cidade, quando distribui bênçãos na feira e comove as pessoas, ele se encontra em duas oportunidades com Ramon. Numa visita ao jornal, ele expõe seus preconceitos contra a figura da mulher, a começar por Maria, mãe de Jesus, duramente criticada pela Igreja Mundial do Senhor Jesus, e terminando com a própria esposa, Gislaine. Na segunda visita, no apartamento de Ramon, anuncia que não está ali como pastor, mas como Leonardo. Relembra os tempos de escola e personagens da cidade. Por causa de uma gata que certa vez lhe roubou uma traíra, Leo diz que, se tiver condição, mata todo gato que encontrar, e volta a destilar preconceitos, desta vez contra os anões: “anão é meio gente e meio alguma coisa que não é gente”, ele diz. Depois aconselha o amigo a jogar fora todos os livros e manter em casa somente a Bíblia.

Num romance que parece um daqueles catálogos de deformidades físicas e morais pintados por Brueghel, e que ressalta aspectos da humanidade comuns a diversas épocas, não faltaria uma deformidade da cultura religiosa: o desejo de acabar com as outras formas de expressão cultural, eliminar qualquer expressão da inteligência. (Justiça seja feita, como se pode ler na *História universal da destruição dos livros*, obra monumental do venezuelano Fernando Báez, a queima de livros e de pessoas sempre teve tanto motivação política quanto religiosa. De qualquer modo, mostra que a aliança entre a política e a religião é sempre um inferno para os adversários.)

Mesmo com sua inquietação e sua tortuosa procura, Leo não deixa de assinalar a consciência de sua condição de pessoa ignorante. Reforça um argumento dos adversários das religiões – o de que a ignorância é o mais fértil terreno para a crença vicejar – ao ver nos livros do amigo o obstáculo que afasta Ramon da fé. A isso, em outro encontro, Ramon já havia respondido, com a voz de uma tradição que sempre combateu o obscurantismo religioso e não poucas vezes pagou caro por isso. Eis Ramon enumerando as três coisas em que acredita: que – parafraseando um dito atribuído aos enciclopedistas – a humanidade só vai realmente progredir no dia em que o último deus for enforcado na tripa do último homem que nele crê; que esse dia nunca vai chegar; e, que se esse dia chegasse, a humanidade não melhoraria nada.

É na própria Bíblia que Ramon encontra resposta para sua desconfiança acerca dos caminhos não menos tortuosos da fé. Ao procurar uma citação mencionada por Leo, Ramon encontra, na Segunda Epístola de

Arquivo pessoal / Luiz Vilela



Vilela em 3 tempos: no lançamento de "Tremor de Terra", em 1967; em seu sítio, em 1984; e em Berlim, em 1994.

São Pedro, esta passagem: “E também houve, entre o povo, falsos profetas, como entre vós haverá, também, falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade. E por avareza, farão de vós negócio, com palavras fingidas; e sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença e a sua perdição não dormita.”

AMIZADE SINCERA

Ao lado da fé, prospera em Flor do Campo toda sorte de crendices. A cuspida (de um feiticeiro) que mata os porcos de um desafeto, a vidente Luzia, os monstros que habitam o lago – o jacaré Papudo, a Cobra-Gigante e a Moçalinda – formam o imaginário da cidade (a perdição de um artista nos anos 50 foi tentar esculpi-los numa praça pública). Esses monstros eram o terror das crianças – e a delícia dos adultos, pois foram transformados em personagens de cartões pornográficos que circulavam secretamente. A chegada de uma empresa de entrega de peixe a domicílio – a Disk-Peixe – e a proposta de transformação do lago num parque aquático são os sinais de desenvolvimento da localidade.

A cidade tem um prefeito e um cabo de polícia corruptos. Ali professa sua fé um padre Átila esperto e sempre pronto a tirar proveito material das disputas políticas. Tem uma câmara de vereadores onde ocorrem debates hilariantes, com temas tais como a vontade de se homenagear um ator de filmes pornográficos, o Big Thomas, a celebridade que o município exportou, e a sugestão de mudança do nome da cidade para Field Flower. E, naturalmente, tem um sanatório, que produz histórias de internação de doidos e bêbados, de negros e homossexuais, sem faltar a prática do eletrochoque. É uma cidade cheia de boas intenções e fingimento, de lealdade e hipocrisia, pares indispensáveis à sustentação do tecido social de qualquer comunidade.

O que não é fingido é a amizade de Mosquito, Leo e Ramon. São amigos até debaixo d’água, como diz Mosquito. Ramon tem em Mosquito um interlocutor permanente, a quem orienta em seus desencontros com a língua. A amizade a Leo é permanentemente reiterada nos gestos de Ramon para ajudar o amigo, na vitória ou na derrota. Que mal que o Leo fez?, é a pergunta de Ramon para Gislaine.

Nesse mundo consome seus dias Ramon, dono de uma cultura a que não faltam expressões em latim, referências aos clássicos e sonhos enigmáticos. Demolindo as certezas com o deboche, ele encontra a maneira de preencher o grande nada que é viver. Para ele, a única saída é o humor, um humor cáustico, corrosivo, que não raro deixa extravasar também preconceitos.

Suas diatribes contra Deus, a fé e as religiões mal são compreendidas, nesse campo ele não tem seguidores. A mordacidade do narrador, traduzida pela ironia, pelo deboche, pela zombaria, acaba expondo também

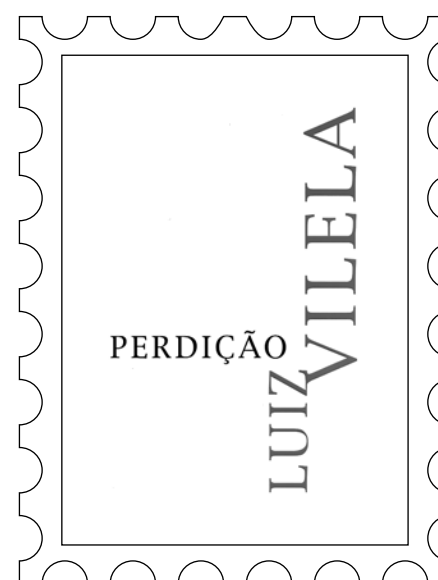
sua condição. Aquilo que nos outros é produto da ignorância, em Ramon é a voz de uma cultura que, se de um lado é libertária, com real valor de consciência crítica, de outro, traz consigo resquícios de uma cultura branca e patriarcal, com seus vezos de superioridade, machismo e preconceitos.

É nisso que consiste a arte de Luiz Vilela: infiltrar nas mais simples expressões o duplo desagregador que as denuncia, mostrar como o remédio pode ser o veneno insidioso. Seu instrumento é o mais santo remédio e o mais perigoso veneno: a linguagem.

Se há uma unanimidade da crítica em torno do trabalho de Vilela, é a respeito de sua maestria em lidar com o diálogo. Das falas simples do cotidiano, ele retira musicalidade e força de expressão incomuns, e maneja como poucos as frestas por onde um segundo sentido se infiltra na linguagem.

A fala, com suas hesitações e repetições, é elaborada pelo autor de modo a cumprir aquela finalidade a que se refere Antonio Candido, a respeito de João Antonio, outro mestre no manuseio da oralidade: tirar a palavra da sua função meramente comunicativa e trazê-la para dentro da literatura.

O mundo contemporâneo, com as trombetas anunciando o crepúsculo da artes, com seus vampiros da cultura e falsos doutores da auto-ajuda, encontra em *Perdição* uma resposta: literatura de boa qualidade, arte de contar e de fazer pensar. Se *Perdição* foi escrito para ser contra alguma coisa, certamente é contra essa cultura de lanchonete. Luiz Vilela mostra quem tem a última palavra: a literatura. Apenas a literatura. Sem adjetivos.



FRANCISCO DE MORAIS MENDES
é jornalista e escritor. Publicou *Onde terminam os dias* (2011), *A razão selvagem* (2003) e *Escreva, querida* (1996).

Barroso

LUIZ VILELA

do livro *Perdição*

Barroso, segundo o próprio me contou, descobriu, quando adolescente, que gostava de fazer discursos, e desejou ser um grande orador, passando a ler tudo o que podia sobre arte oratória.

Portador de uma vaga gagueira (e a onomatopeia vem a propósito), ele não se intimidou: Demóstenes, o maior orador da história, também não era gago? E o que fez Demóstenes para curar sua gagueira? Segundo a história – ou a lenda, tanto faz, já que a lenda é uma forma de história, e a história, muitas vezes, uma forma de lenda –, Demóstenes ia à praia, punha seixos na boca e discursava para o mar, tentando, com sua voz, sobrepujar o barulho das ondas.

E Barroso, o então Carlito? O mar, a mais de mil quilômetros dali, ele não tinha: mas tinha a fazenda, tinha o riacho que atravessava a fazenda e onde havia uma pequena mas ruidosa cachoeira – e seixos, seixos à vontade nas margens.

Pôs ele então alguns seixos em sua boca e, diante de uma plateia de atônitos pássaros pousados nas árvores e de pequenos animais silvestres porventura ocultos no capim, abriu o verbo.

Até que um dia – o azar! – ele engoliu, sem querer, um seixo. E foi então um corre-corre, um deus nos acuda. Levado a um hospital na cidade, Carlito, com a ajuda do médico e de laxantes, acabou, para o bem de todos e felicidade geral da nação, devolvendo o seixo à natureza.

Passado o susto, as broncas: da mãe, com brandura, porque achava que o filho tinha nascido com alguma coisa a mais ou a menos na cabeça – “é a menos mesmo”, Barroso dizia, depois de adulto, contando a história para os outros –, e a do pai, com severidade, porque já vinha inconformado com o filho por causa daquela coisa de discurso. Por quê, em vez daquilo, não ia ele aprender a andar a cavalo ou a laçar bezerro, coisas de muito mais valia para um filho de fazendeiro e também, certamente, futuro fazendeiro? “É, certamente...”

O diálogo entre os dois:

O pai: “Você ficou louco, menino?”

O filho: “Eu já era, Pai.”

“Botar pedra na boca, onde já se viu tal coisa?”

“O Demóstenes fazia isso.”

“Demóstenes? Eu conheço o Mote desde que ele era rapazinho, e, ao que me consta, ele nunca cometeu tal disparate.”

“Não é o Demóstenes da padaria, Pai, é o grego.”

“Grego? Que grego? O único grego que tem aqui, na cidade, é o Angelopoulos, o mascate.”

“Ah, Pai...”

E Barroso concluía, para os ouvintes: “É duro, moçada, é duro a gente querer ser grande quando nasceu na roça...”

Duro, mas, apesar disso, e sem a intenção de novamente usar seixos – “eu era doido, mas também nem tanto” –, ele voltou à cachoeira e então...

A surpresa: a gagueira havia sumido! Consequência do choque psicológico? Ele não sabia, nem veio nunca a saber, como ninguém mais veio.

Fosse o que fosse, ou fosse como fosse, Carlito entendeu aquilo, então, como Deus (e, quem sabe, também o espectro de Demóstenes) recompensando o seu esforço e mostrando que era mesmo aquele o seu caminho.

Com novo ânimo, e os pais admirados e sem o que dizer, ele trocou a cachoeira pelo curral, e os pássaros e pequenos animais silvestres pelas vacas – não menos atônitas...

Um pouco depois, trocou as vacas pelos colegas de escola – “os quadrúpedes por outros quadrúpedes”, como disse –, discursando em todas as datas cívicas e terminando o ginásio como orador da turma, feito que se repetiria, três anos mais tarde, na conclusão do científico.

Indo estudar fora, na capital, aproveitou para fazer um curso de oratória, e, já moço, na época da ditadura militar, subiu em várias ocasiões ao palanque, fazendo contra ela inflamados discursos e chegando a ser por duas vezes preso. Abandonou pela metade o curso de Direito – do qual, se o houvesse concluído, teria sido também, com certeza, o orador da turma –, meteu-se em diversas coisas e, finalmente, acabou voltando para o interior, para a sua cidade.

Com os novos tempos, de liberdade no país, Barroso – o já popular Carlito – candidatou-se a vereador e foi eleito em dois períodos consecutivos. “Mas a política”, ele me confessou um dia, “a política, para dizer a verdade, nunca me interessou. O que eu queria mesmo era falar, discursar. Uma pequena multidão, a carroceria de um caminhão e um microfone na mão era tudo o que eu precisava para me sentir realizado.”

Numa dessas vezes, quando ele discursava num palanque, o pai, meio escondido na multidão, assim que Barroso acabou de falar e foi, pelo público, delirantemente aplaudido, subiu ao caminhão e, entre lágrimas, abraçou o filho, selando em definitivo as pazes com ele – e com a sua oratória.

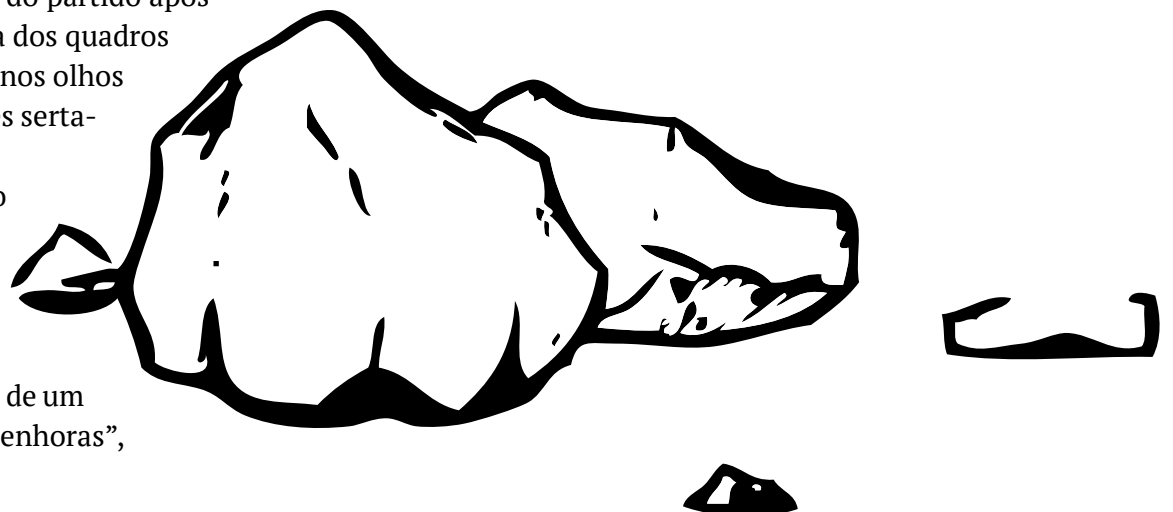
As pessoas diziam: “Falar bonito é com o Carlito.” Ao que ele, entre amigos e com ares fesceninos, acrescentava: “E fazer gostoso é com o Barroso...”

Vitorioso, como contei, em duas eleições consecutivas, Barroso não tinha dúvida de que o seria mais uma vez, numa terceira. Não foi. Sua votação foi fraca, inexpressiva. O que havia acontecido? Ele não soube explicar. Decepcionado, magoado, na primeira reunião do partido após as eleições comunicou aos correligionários sua retirada dos quadros e o fim de sua militância política – e, com uma lágrima nos olhos e a voz embargada, citou o verso de uma de suas canções sertanejas preferidas: “Acabou o som da viola.”

Mas não, o som não acabara, não acabaria assim tão fácil: o som apenas mudou de viola. Nas ocasiões solenes ou festivas, onde houvesse um batismo, aniversário, casamento, sepultamento, onde houvesse a inauguração de uma loja, bar, repartição ou o que fosse, lá estava ele, firme – e, agora, na condição de dono de um jornal –, com o seu eterno “meus senhores e minhas senhoras”,

usado até em situações como aquela presente, de caráter quase privado, ainda que seu tom denunciase a consciência do exagero e soasse com um certo histrionismo.

Um dia – para terminar estas notas pessoais sobre o meu patrão – Barroso contou a um amigo que sua maior frustração era que, quando morresse, não pudesse fazer, à beira do túmulo, a sua oração fúnebre. “Já pensou que peça de oratória seria?”, ele disse. “Fique tranquilo, Carlito, alguém fará isso por você”, disse o amigo. “Tranquilo?”, ele respondeu. “Aí é que eu não fico mesmo. Dependendo de quem for falar, eu sou capaz de me levantar lá do meu caixão, agarrar o cara pelo pescoço e levá-lo comigo para a cova...”



AOS HOMENS DE PÉS BRANCOS

I

Há (talvez) uma escola daqueles homens
que sempre avisto na rua,
os pés firmes nas sandálias havaianas
que os dedos tesos transformam em botas
de passos urgentíssimos e retos,
cobertos por um pó-branco:
prumo-linha-esquadro-nível,
dias-meses-anos,
irredutíveis.

II

Serão necessários:
a data de nascimento,
o número da carteira de identidade,
o número de projéteis cravados na carne,
a hora da morte,
os exatos finitos,
para que:
o médico legista conclua a autópsia,
o juiz autorize o sepultamento,
o cartório libere o atestado de óbito,
a prefeitura conceda o serviço funerário gratuito,
para que uma mulher,
que espera,
uma filha,
que espera,
possam se despedir
daquele homem
há dias atingido quantas, quantas vezes,
na porta da casa que era a sua,
na rua onde é difícil chegar água, luz
e o carro de horrível nome rabecão.
E, enquanto esperam,
ninguém as ouve contar outra história
(a do homem que ensinaria a outros homens
as noções de prumo, alinhamento, esquadro e nível),
nem supõe a fome que sentem,
ali, e sozinhas.

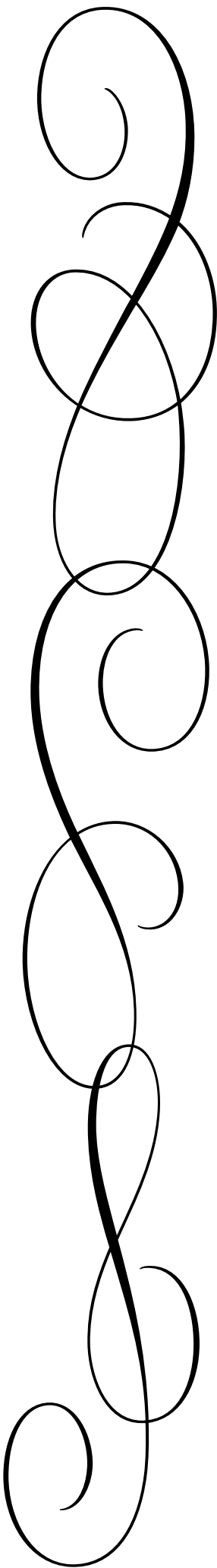
POEMAS DE Alicia Duarte Penna

POBRES MOÇAS

Por que se olham – chispas –
como estranhas as moças?
Curiosidade não têm uma pela outra?
Sendo moças, que pouco viram,
por que se desviam, contrariadas,
daquela que é outra, mas si?
Acaso desejariam pertencer a humanidade alguma?

No temor da não-coisa,
o olhar anoitecido,
retêm suas sacolas junto ao peito:
as coisas às coisas salvarão.
Uma certa blusa, este cabelo, o ar
e a invencibilidade, apostam
(no encontro para o qual se preparam não se forma par:
vencedor e vencido saem separados ao final).

Desconhecem – desconhecirão sempre, sempre,
até velhas, até depois de velhas? –
os manuscritos, a revolução, a liberdade?
Em linha marcham:
dessemelhantes, desamorosas, ah, pobres moças.
Mas eis que uma se desvia, oh,
e amanhece!



UM QUARTO DE SÉCULO

Sofrer é pouco.
 Ser feliz é pouco.
 Quero o destino de volta!
 O tremendo destino que tinha aos quinze anos,
 o imperativo dedo de Deus apontando o absoluto:
 sim é Sim, não é Não.

ENCOMENDA

...E se vier aqui,
 por essas paragens,
 que traga ele
 duas daquelas irmãs,
 para que eu possa pesá-las, medi-las e auscultá-las,
 de modo a verificar, com ciência,
 qual será então adequada
 ao meu intento de desposar moça de quarenta e cinco quilos,
 um metro e sessenta,
 e diástole perfeita.

Assino: Antônio.

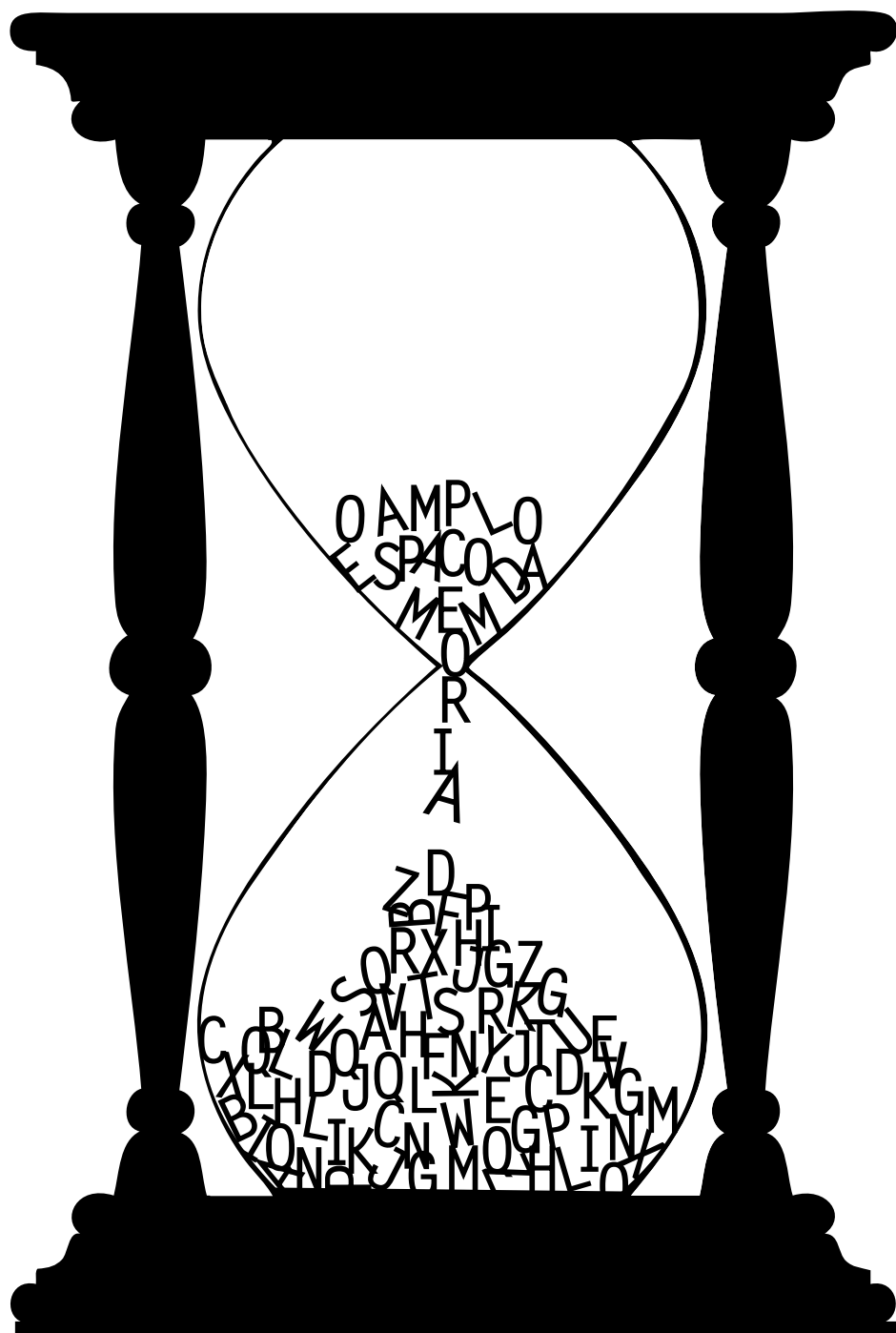
PEDIDO

Dona Rosina, me dê uma noite do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê uma manhã do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê uma tarde do seu filho em casamento.

SÚPLICA

Dona Rosina, me dê os pés do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê os lóbulos da orelha do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê o dorso do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê os dedos das mãos do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê a pinta no pulso do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê os sapatos e a bolsa cheia de papéis do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê a camisa para dentro da calça do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê o paletó marrom do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê os cabelos pretos do seu filho em casamento.
 Dona Rosina, me dê a boca do seu filho em casamento.
 E mais, e mais, a língua, o suor, o gozo do filho de Dona Rosina,
 em casamento.

ALÍCIA DUARTE PENNA
 escritora, tradutora e professora da PUC Minas. Publicou *Duo terno*
 e *gravata* (1984), *Apagamentos* (Cosac Naify, 2005) e *Espejo Diário*
 (EDUEM/EDUEP/IOESP, 2008). Estes poemas fazem parte do livro
 "Quarenta poemas e dez", a ser lançado em março pela Ed. Scriptum.



JOÃO POMBO BARILE

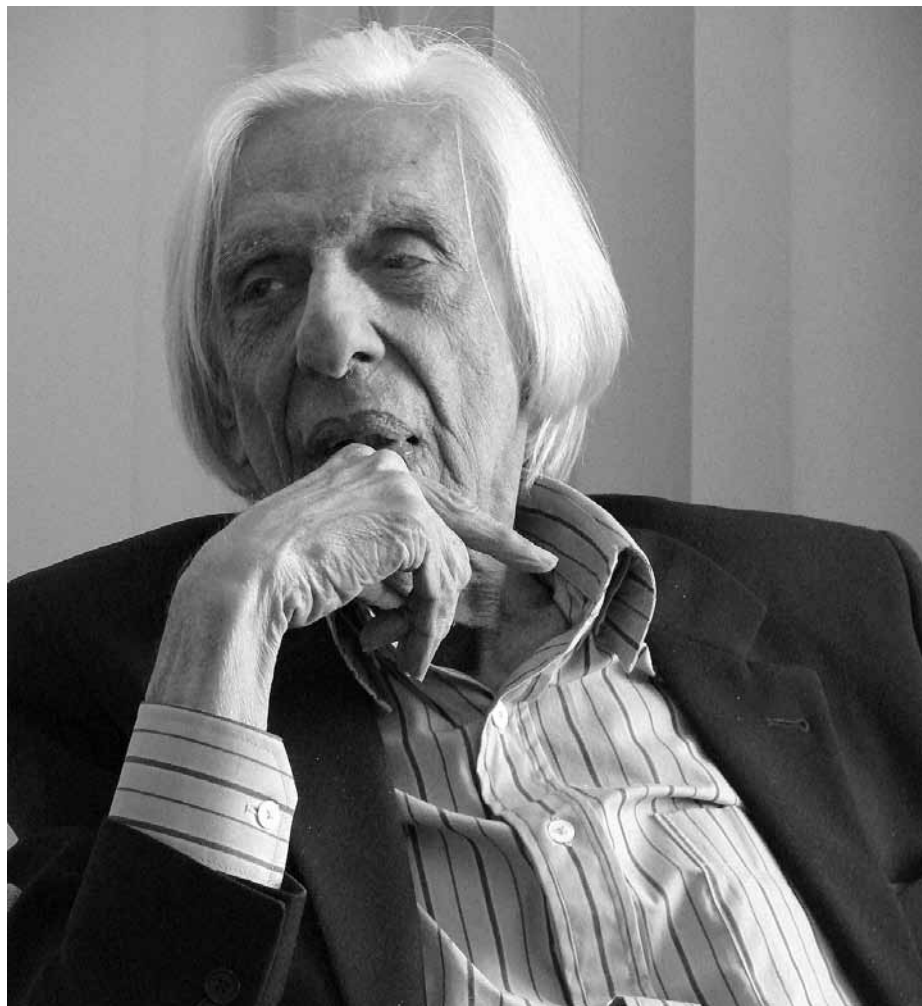
A entrevista que o leitor vai ler a seguir, com Ferreira Gullar, aconteceu em setembro de 2011, pouco depois de o poeta completar 81 anos, e permanecia inédita até hoje. Ele me recebeu no hotel Othon Palace de Belo Horizonte. No encontro, que teve a participação do jornalista Fabrício Marques, Gullar falou por mais de duas horas sobre diversas passagens de sua vida e o contato com personalidades que marcaram sua obra.

Poetas como Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), Manuel Bandeira (1886–1968), Oswald de Andrade (1890–1954), Vinicius de Moraes (1913–1980) e Murilo Mendes (1901–1975). Escritores como

Otto Lara Resende (1922–1992). Nomes ligados às artes plásticas, como Iberê Camargo (1914–1994), Hélio Oiticica (1937–1980), Mário Pedrosa (1900–1981), Amílcar de Castro (1920–2002), Franz Weissmann (1911–2005) e Lygia Clark (1920–1988). E homens da comunicação, como os jornalistas Janio de Freitas (1932) e Odylo Costa, filho (1914–1979) e Mauro Borja Lopes (1925–2004), que exerceu durante décadas cargos de chefia na Central Globo de Produção.

Quem já teve o privilégio de ouvir Gullar sabe o quanto ele é bom de papo. Um dos maiores poetas da nossa língua, é de uma humildade que impressiona. Uma simplicidade meio fora de moda nestes anos de início de século, onde trombamos com tantos poetas e tão pouca poesia.





Carolina Coutinho

Eu queria começar com você contando dos seus primeiros contatos com a poesia.

Eu nasci em São Luís e, quando comecei a escrever, lá no Maranhão, ninguém tinha conhecimento de literatura moderna. Eu escrevia como se escrevia no final do século XIX. Meus poetas eram Raimundo Correia, Olavo Bilac... aquele negócio. Aí um dia eu descobri um livro do Drummond na livraria. Eu já tinha ouvido falar nele, é claro, mas nunca tinha lido. E então li. O primeiro livro de poesia moderna que eu li foi o dele, *Poesia Até Agora*, que me chocou muito. Quando eu abri, e li coisas como “lua diurética”, eu achei aquilo uma coisa extremamente absurda. Eu pensei: “esse cara está louco?” Bom, depois eu comecei a ler, me informar, e tal, e compreender o que era aquilo. E isso foi rápido. Em dois anos eu já tinha mudado de compreensão dessa coisa da poesia e tal. Tanto que já em 1950 eu ganhei um prêmio do *Jornal de Letras*, um jornal literário importante na época. Eu ganhei um prêmio de poesia com um poema moderno, em um concurso nacional que eles fizeram. E aí em seguida eu vim para o Rio. Nessa altura eu já conhecia, já tinha lido os livros do Drummond, Manuel Bandeira, Murilo Mendes.

E o Oswald de Andrade?

Também. Só que o Oswald eu vim a ler quando eu já estava morando no Rio. Na época, o Oswald era maldito e ninguém editava os livros dele.

Mas como eu estava dizendo, depois que cheguei ao Rio, por causa do meu jeito de ser, evidentemente que não procurei ninguém. Nenhum poeta ou escritor. Até que um dia fui levado à casa do Mário Pedrosa, porque havia um amigo em comum e eu era, já nessa época, envolvido com as artes plásticas. Tinha escrito algumas coisas, estudava. E, para mim, o Mário era uma figura importante. Inclusive eu fui saber melhor o que se passava em relação às artes plásticas no Brasil, no mundo. E me tornei amigo dele e passei a frequentar a sua casa. Através dele também conheci o Franz Weissmann, Amílcar de Castro, Lygia Clark... e por aí foi. Mas com os poetas eu não tinha nenhum contato. O único poeta com que eu tinha contato era o Murilo Mendes, porque ele era amigo do Mário Pedrosa.

Este período coincide, mais ou menos, com a época em que você lançou *A Luta Corporal*, em 1954...

Exato, que foi o livro que me lançou na poesia. Lembro que Mário, que era um homem muito inteligente e muito aberto, leu os originais do livro e ficou muito entusiasmado. E me disse então: “Esse livro merecia uma apresentação. Eu vou fazer o seguinte, eu vou dar uma carta a você, você leva ao Murilo Mendes. Eu te dou o endereço e você leva para ele fazer um prefácio do seu livro”. Eu confesso que eu não queria isso, mas era uma situação que eu não podia dizer que não queria.

Não podia dizer um não para o Mário...

Não podia dizer não... Ficaria uma coisa assim estranha: ele querendo fazer uma coisa para me ajudar e eu dizendo não, né? Eu não queria, mas levei a carta. Cheguei na casa do Murilo Mendes seis horas da tarde, ele abriu a porta e fez “shiii!”, ele estava, claro, ouvindo Mozart. Ele com a mulher, Maria da Saudade Cortesão. Então falou: “Senta aí, senta aí”.

Você ficou lá ouvindo Mozart com ele?

Foi. E ele achando ótimo. Aí, quando terminou, conversamos e tal. Era um homem muito gentil. Eu disse pra ele: “O Mário me pediu pra levar meu livro pra você ver”. Aí o Murilo respondeu: “não, tudo bem”. Aí eu levei contra minha vontade e tudo. E deixei o livro lá com ele. Então foi o único poeta de nome de que me aproximei. Mas dessa maneira, um pouco forçado pela situação. Depois disto eu fui trabalhar no *Jornal do Brasil*. Lá eu conheci o Manuel Bandeira, que colaborava no jornal. Ele ia toda semana levar a crônica dele.

E com o Bandeira, você teve um contato mais próximo?

Não. Ele ia ao jornal, e às vezes me encontrava com ele, que tinha lido *A Luta Corporal*. A essa altura, já havia sido lançada a Poesia Concreta, e ele se entusiasmou com um dos meus poemas concretos.

E com o Drummond?

Com Drummond, que era outro esquisito, eu não encontrava. A primeira vez que nos encontramos foi quando eu ia entrando no *Correio da Manhã* [jornal publicado no Rio de Janeiro de 1902 a 1974] e ele ia saindo do elevador. Eu estava junto com o Oliveira Bastos. O Bastos era mais safo do que eu e mexeu com ele. Ele disse: “Poeta Drummond, prazer em encontrá-lo. Esse aqui é o poeta Gullar”. O Drummond só olhou e foi embora (risos). Nem parou. Mas eu tinha mandado *A Luta Corporal* pra ele, que estava a par das coisas e era bem informado. Então, depois de algum tempo, anos depois, nós nos encontramos eventualmente.

Vocês se encontraram no enterro do Vinicius de Moraes, em 1980, não foi?

É verdade. Ele estava lá. Mas isso já foi mais tarde. Lembro que, nesse dia, ele estava com um problema no rosto, não sei o que era bem, uma espécie de erupção que tinha dado no rosto dele, consequência de uma inflamação. O Drummond estava revoltado com aquilo. Aí falou comigo: “Ah, que merda esta vida. Eu sofrendo pra burro e agora ainda me morre o Vinicius” (risos). E conversei com ele um pouco ali. Mas, antes disso, fizeram uma homenagem a ele na televisão. A homenagem consistiu no ator Paulo José falar sobre o Drummond e pedir que algumas pessoas lessem seus poemas. E eu fui uma dessas pessoas. Escolhi aquele poema que diz “Amar o perdido/ deixa confundido/ este coração”. Eu gosto muito do poema. Ele então me escreveu um bilhete agradecendo. Dizendo que tinha achado que eu tinha lido o poema dele muito bem. Que ele tinha realmente gostado muito da maneira como eu li. Desse modo, nos encontramos algumas vezes. Ele me mandou alguns dos livros dele, alguns com dedicatória. Assim foi até o dia em que ele morreu.

Em 1997, quando completou uma década da morte do Drummond, você escreveu um artigo muito bonito para o jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte. E contava que, no dia em que ele morreu, você estava indo para Brasília...

É verdade. Eu ia pegar o avião, mas antes disso eu passei no cemitério São João Batista,

onde estava sendo velado. Lá estava a mulher dele, do lado, chorando. E eu cheguei. Fiquei revoltado com o fato de ele ter morrido. Mas falei com ela, abracei a dona Dolores. Fiquei uns três minutos olhando pra ele ali. Peguei então o carro e fui para o aeroporto. Quando eu cheguei em Brasília a notícia da morte já havia corrido. Então, ao desembarcar, já veio repórter me perguntar sobre ele, sobre a morte dele. Falei umas coisas desaforadas, umas coisas indignado, como eu estava. E eu conhecia a filha dele, a Maria Julieta, que conheci em Buenos Aires.

Ela era casada com o escritor e advogado argentino Manoel Grana Etcheverry...

Era. Mas na época que eu a conheci, ela já estava separada dele. Ela trabalhava no Centro de Estudos Brasileiros em Buenos Aires. Ela era muito amiga do Vinicius. Um dia, o Vinicius, que era meu amigo, estava em Buenos Aires para fazer um show e eu fui encontrá-lo.

Você tinha uma amizade muito forte com o Vinicius...

Tinha. O Vinicius trabalhou no nosso teatro, lá no Opinião, fazendo show. Ele era aquela pessoa aberta e que fazia amizade. Quando nós nos encontrávamos, lá no Oficina, ele sempre dizia: “Ah, cara, vamos tomar um chope, quando acabar o ensaio aqui, vamos sair e tomar umas”. Aí, quando acabava o espetáculo íamos tomar um chope, num bar ali perto do teatro. E acabamos nos tornando amigos. Em Buenos Aires, quando eu estava morando lá e soube que ele fazia um show na cidade, fui até lá encontrá-lo.

Foi a época que você estava exilado na Argentina e o Vinicius trouxe a fita com o seu *Poema Sujo* para o Brasil?

Foi. Eu já tinha falado com o Boal [Augusto Boal] para convidar o Vinicius para jantar. O Boal também o conhecia. Eu pensei. “É bom a gente se encontrar. Chamamos mais uns três amigos, um pessoal que está distante do Brasil. Fizemos esse jantar e, nesse dia, o Boal mencionou que eu tinha escrito um poema, que eu não mostrava pra ninguém.

Você não mostrava o *Poema Sujo* pra ninguém?

Não, porque o poema era muito grande e eu só tinha o original corrigido a mão. Eu não tinha cópia pra mandar pra ninguém. E, pra falar a verdade, eu não estava nem preocupado com isso (risos). O Boal disse então, de brincadeira: “Vinicius, o Gullar não mostra pra ninguém esse poema”. O Vinicius olhou pra mim e falou: “Faz asssim: ao invés de me arrumar a cópia, você lê, vamos fazer uma noite aqui. O que você acha, Boal?” Aí marcamos.

Depois desta noite o Vinicius voltou para o Brasil, trazendo o poema. Mas ele trouxe o poema só em fita, não é?

É. Gravado com minha voz.

Você voltou do exílio na Argentina no dia 10 de março de 1977 e acabou preso no dia seguinte. Como é mesmo aquela história do seu diário que se perdeu, com anotações sobre arte?

Um amigo meu colocou fogo no diário. É um diário que comecei a escrever em Moscou, dois cadernos. Na hora em que fui voltar para o Brasil, ainda na ditadura, eu disse: “Guarda esse diário para mim, que eu não quero ser preso no aeroporto com ele”. Deixei com esse amigo em Buenos Aires. Seis meses depois ele resolveu vir também, e queimou o diário para não trazer. Aí encontrei com ele: “Cadê meu diário?”. Ele respondeu: “Queimei”. Não acreditei: “O quê? Mas estava lá o Fulano, um outro amigo nosso, você podia ter entregue para ele. Assim como eu não queimei e te entreguei você entregava para ele... Queimar meu diário, cara?”

Quantos anos de diário?

Tinha Moscou, Chile e Buenos Aires, as coisas que eu refleti durante todos esses anos e o cara queimou.

Você está ajudando a editar a poesia do Amílcar de Castro? Gosta da poesia dele?

Sim, mas ele não era um poeta no sentido pleno da palavra. E a poesia do Amílcar tem muito a ver com a escultura do Amílcar, com a visão dele da arte, através da experiência dele como escultor, entendeu? Então, neste sentido, é uma coisa bastante forte, bastante expressiva.

Vocês foram muito próximos, não é? Tem aquele poema famoso em que você fala do ônibus...

Sim, “Nasce o Poema”. Nós trabalhamos juntos na *Manchete* [revista publicada semanalmente de 1952 a 2000], que era dirigida pelo Otto Lara Resende. O Amílcar foi ser paginador da *Manchete*. Só depois é que fomos para o *Jornal do Brasil*. A revolução do *Jornal do Brasil* foi feita por nós em 1958. Eram Jânio Freitas, eu e Amílcar. Nós é que fizemos a revolução do jornal.

Por falar no Jânio de Freitas, vocês trabalharam juntos no *Jornal do Brasil*. Vocês ainda se encontram?

Às vezes. Somos amigos, mas hoje cada um está no seu caminho. Mas às vezes nos encontramos. O Jânio foi o cara que fez as maiores mudanças no *Jornal do Brasil*. Foi ele que deu a ideia para o Amílcar tirar os fios que separavam as colunas de cada página. Isso já na *Manchete*. Alias, a gente começou essa reforma gráfica da imprensa, dos anos 1950, por insistência do Jânio, que meteu na cabeça do Amílcar para começar a mudar a paginação da *Manchete*. Me lembro que o Otto era contra.

Quer dizer que, antes de trabalhar no *Jornal do Brasil* junto com Amílcar você trabalhou com ele na *Manchete*...

Foi. Mais ou menos em 1955. Só depois é que fomos para o *Jornal do Brasil*. A revolução do JB foi feita por nós em 1958.

E havia também Odylo Costa, filho...

Mas o Odylo não era propriamente um jornalista. Ele era o diretor do jornal. Ele era uma pessoa inteligente, um intelectual, um cronista político, que a Condessa Pereira Carneiro chamou para dirigir o jornal porque era o único jornalista que ela conhecia que tinha certo gabarito. Mas eu me lembro que o Odylo criou certos embaraços pra gente fazer a renovação. Porque o resto todo era aquele pessoal, chamado pelo marido dela, que trabalhava em um jornal que não era bem um jornal. Era só um boletim de anúncios, classificados.

Que tipo de embaraço?

Por exemplo: para fazer um título diferente. Vou contar a história da criação de um título assim. Eu era chefe do *copydesk* e o pessoal foi embora, eu fiquei de plantão pra fechar o jornal. A uma certa altura o cara da oficina ligou para mim e falou: “Gullar, está faltando fechar a quinta página, falta o equivalente a um palmo de uma coluna”. Respondi: “Eu vou ver aqui nos telegramas internacionais uma matéria que dê pra fechar, espera uns 15 minutos, uma meia hora”. Fui ao teletipo, e estava lá a seguinte notícia: “descoberto o vírus da icterícia”. O vírus da icterícia é assim, assado, um vírus redondo, que tem tais e tais características. Aí editei a matéria com as informações científicas normais, tudo como a gente fazia normalmente, mas no título sempre procurávamos fazer uma coisa engraçada. O título saiu assim: “Descoberto o vírus da icterícia: é redondo”. No dia seguinte, o Odylo me ligou: “Ô Gullar, você vive de gozação aqui. Que história é essa de vírus redondo?”. Falei pra ele:

“Mas o vírus é redondo. E daí, cara? A notícia está tão objetiva quanto ela veio, o título é engraçado e chama a atenção da pessoa. Com esse título o cara vai ler a notícia, porque ninguém vai ler notícia sobre icterícia, cara”. Mas o Odylo não percebia isso. As mudanças que o Amílcar fez de paginação eram uma dificuldade pra ele apoiar. De qualquer modo, o Jânio foi o verdadeiro autor da reforma. Ele que era o jornalista mesmo.

Você foi amigo do Otto Lara Resende?

O Otto? Fui. Eu gostava muito dele, era uma pessoa excelente. Era engraçado, era um cara legal. Depois me casei, o Otto teve lá os problemas dele, saí da revista *Manchete*, fui pra outros lugares, virei comunista. Mas sempre que nos encontramos foi com muita afetividade, muita fraternidade, sempre gostei muito dele. Era uma pessoa inteligente, com senso de humor. Tinha certas coisas que ele pegava de Nelson Rodrigues, fazia aquelas frases malucas. Quando houve eleição no Brasil – e na época o embaixador dos Estados Unidos era o Lincoln Gordon – o Otto inventou uma frase assim: “Chega de intermediários, Lincoln Gordon para presidente” (risos). Ele era um gozador. E tinha também o Borjalo [Mauro Borja Lopes], que foi muito meu amigo. Esses mineiros todos se tornaram meus amigos.

Dos mineiros, o Amílcar era o mais próximo de você...

Sim, porque o Amílcar era escultor do grupo, se tornou amigo do Mário Pedrosa também, que era meu amigo, e em cuja casa todo mundo se juntava. E aí eu era o poeta de vanguarda que inventou o Neoconcretismo, então a gente vivia juntos por essa razão. Porque eu me ligava muito mais aos artistas plásticos do que aos escritores, a minha vida inteira sempre foi isso. Eu sempre tive mais contato com as artes plásticas do que com escritores. Então por isso é que o Franz Weissmann, meu amigo até o fim da vida, a Ligia Clark, todo esse pessoal era meu amigo.

Você convivia com Lygia Clark, Hélio Oiticica. Hoje você ainda encontra interlocutores que despertam seu interesse, ou não? Aquela época foi muito mais rica, nesse sentido de interlocução com os artistas?

Escuta aqui, aquele é um período especial. O grupo neoconcreto era muito especial, aquilo é uma coisa que acontece uma vez na história. Não acontece sempre. Todos aqueles artistas, e naquelas circunstâncias – porque na verdade é que, em 1950, quando começou a ideia da arte concreta, com o Mário Pedrosa como o principal teórico veiculador daquelas ideias, aquilo ali é uma ruptura com a arte brasileira moderna. A arte brasileira que nasce em 22 é nacionalista, é regionalista, é figurativa. A arte concreta é o contrário disso tudo. Porque as vanguardas europeias não eram nacionalistas. Essa é a diferença entre o movimento moderno brasileiro e a Europa: o cubismo não era nacional, o expressionismo não era nacional, o surrealismo... era tudo universalista. E o Brasil não, o modernismo brasileiro é nacional. Depois de 1930 ele começa a ser nacional social, com questões sociais, denunciando a miséria. Mas quando chega em 1950 a ruptura é total, entra a arte geométrica, nada a ver com o Brasil, nem com região, nem com coisa nenhuma. Isso é que

é de fato uma revolução, a arte concreta trazia para o Brasil uma linguagem objetivista, racionalista, que não tinha subjetividade. No fundo, a arte concreta era uma experiência óptica sem subjetividade. E era isso que me perturbava, porque eu era o autor da *Luta Corporal*, que era cheio de subjetividade. O neoconcretismo, sem eu saber, era uma posição que quer negar a arte óptica, meramente visual, para colocar algo de subjetivo, emoção naquilo. Na verdade é isso.

E o Iberê Camargo? Como vocês viraram amigos?

Ele se tornou meu amigo, embora no início ele fosse tachista [estilo de pintura abstrata que se desenvolveu na França entre os anos de 1940 e 1950] e eu concretista. Então a gente não se entendia direito, mas eu o admirava pelo talento dele. Até que um dia teve o episódio em que ele atirou num cara, que acabou morrendo [em 1980]. O Iberê foi preso, foi o “diabo a quatro” na época e começou a sair notícia, qualificando-o como “assassino”. Eu comecei a ficar furioso com aquilo. Notícia na *Veja*, na *IstoÉ*, em *O Globo*. Comecei a pesquisar para saber direito o que aconteceu. O Iberê não é assassino. Aí aconteceu o seguinte: eu era crítico de arte de uma revista semanal, e recebi convite para uma exposição do Iberê numa galeria do Rio. Quando cheguei lá, a exposição não era no salão da galeria, mas no porão. Não havia nem catálogo. Quis saber por que e responderam: “Não tem catálogo, não tem nada, nós estamos fazendo isto pra ele pagar um advogado”. Quer dizer, era uma exposição clandestina por conta daquele episódio. Na semana seguinte, escrevi um artigo intitulado “o grande pintor Iberê Camargo”. No texto, falava que a exposição dele era excelente, o grande artista e tal. Não falei em assassinato, em coisa alguma. Alta qualidade, grande artista, o maior pintor vivo do Brasil. O artigo causou impacto. O Iberê ligou para minha casa quase chorando “Gullar, acabei de ler o artigo. Você me salvou”. Disse a ele que não fiz nada mais do que tinha que fazer: “Você é um grande artista, eu não tenho nada a ver com tua vida, eu escrevi o que tinha que escrever”. Passada mais uma semana, ele me ligou, convidando para jantar

na casa dele. Daí fui jantar na casa dele. Era frango com quiabo. Conversamos e nos tornamos amigos. Três meses depois, uma das melhores galerias de São Paulo o convidou para fazer uma exposição retrospectiva. Tudo o que ele expôs foi vendido. Isso mudou a vida do Iberê. Depois, ele disse que queria fazer meu retrato. Ele fez, e guardo com o maior carinho. Ele é um grande artista, não fiz nenhum favor em dizer isso, só que não se tem que misturar as coisas. E a imprensa tem um pouco isso: de repente, em função do sensacionalismo e também de esquematizar as coisas, de não ver as coisas nas suas contradições, uma pessoa que a vida inteira foi um homem íntegro, trabalhador, de repente vira um assassino, ninguém procura saber direito o que aconteceu, sabe? Uma coisa maluca, sem sentido, injusta. Eu realmente me senti na obrigação, comecei a ficar indignado com aquilo, embora eu não fosse amigo dele.

Atualmente você tem uma crônica semanal na Folha de S. Paulo, mas já teve outras experiências com esse gênero antes, certo?

Eu escrevia no *Jornal do Brasil*, no *Pasquim* eventualmente. Depois reuni algumas em “A estranha vida banal”. Uma seleção de crônicas que eu fiz, uma parte do JB, outra do *Pasquim*.

Como é essa coisa da crônica para você? Você se considera um cronista?

Eu escrevo a sério, escrevo pra valer. Teve uma que escrevi cinco vezes, uma que fala da Dilma [Rousseff], “Colhendo o que plantou”. Eu escrevo a mão, boto no computador, leio e corrijo. Nunca a crônica sai como escrevi a primeira vez, porque fico refletindo, emendando e refazendo até chegar naquilo que eu acho. Estou escrevendo em um jornal que tem uma importância muito grande, um número de leitores grande, é responsabilidade. Milhares de pessoas vão ler aquilo. Não só tenho que escrever com clareza, tenho que escrever com responsabilidade, dizer o que penso. A preocupação não é estilística, é de ter clareza, coerência, de ficar do jeito que quero dizer. Então eu faço pra valer, mas não me considero um cronista político.

Mas você tem falado muito de política, não é?

Eu falo de tudo. De poesia, de arte, de coisas que aconteceram e que são engraçadas. Procuro não ficar falando só de uma coisa, como de política. Quero fazer aquilo que me dá prazer e que eu sei que dá prazer para o outro. Eu quero escrever para o outro. Quero que ele também tenha prazer de ler. Nem todo leitor está interessado em política, só abordo certas questões políticas quando considero importante. Veja bem, há tantos cronistas comentando tudo, pessoas competentes, que estão no dia a dia da área política do país, tem muito mais experiência do que eu nisso, mais conhecimento. Quando acontece uma coisa eu não vou afoitamente escrever sobre aquilo, porque sei que é uma coisa importante e todo mundo vai escrever sobre aquilo. Eu leio o que eles escrevem, mas às vezes observo alguma coisa que nenhum deles disse por algum motivo, algum aspecto que ficou fora, ou algum dado que precisa ser esclarecido. Certas coisas eu escrevo com o objetivo de ajudar a esclarecer um problema. Assim, eu posso escrever sobre qualquer coisa, eu tenho essa liberdade lá no jornal. Eu faço questão de não insistir em um assunto só. De vez em quando saio pra contar coisas poéticas, abordar uma questão relacionada com as artes plásticas, com o neoconcretismo, por exemplo.

Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga (hoje que as casas antigas sucumbem à mais vantajosa liquidação de seus materiais), guardava as recordações de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais, toda a infância.

A casa tomada, Julio Cortázar

CONTO DE JETER NEVES

SUSPENSÃO

1

AÇUCENA, AMARÍLIS, AGAPANTO, ALAMANDA, ALFAZEMA, ÁLOE, AMOR-PERPÉTUO, ANTÚRIO, AZALEIA...

Ao leres esta mensagem, eles terão cortado os fios do telefone, mas isso não terá importância, pois já não temos com quem falar. O último, o policial de plantão no posto, mandou-me parar com falsos alarmes, ordenou-me calar: Velha maluca, ele disse. Na primeira invasão, ainda mal refeita do susto, concebi um sistema: aviõezinhos de papel. Como o vento nunca soprava a favor, os pedidos de socorro voavam a esmo, como borboletas tontas, ora voltavam ao ponto de partida ora acabavam espalhados na rua e, com o tempo, dissolvidos pelo sol e pela chuva, quando não eram devolvidos com mensagens sórdidas: *Perdeu*, Tia. Tá tudo dominado. Deploro o linguajar destes dias que correm, deploro essa intimidade infame, “Tia”!

2

BÁLSAMO, BEGÔNIA, BELADONA-DO-CABO, BOGARI, BONINA, BUGANVÍLIA...

Os aviõezinhos de papel falharam, para a satisfação de Eulália, a serviçal do tempo do meu falecido esposo. Eulália tem opinião própria sobre pedidos de socorro; é dela esta ideia bizarra de enviar mensagens pelo vaso sanitário, rolinhos de papel metidos em tubos de plástico. A caligrafia miúda e perfeita é um dom de que sempre se orgulhou; para mim não passa de uma estratégia esperta para compensar sua deficiência no trato com a palavra escrita, habilidade em que sempre me distingui. Se lêes esta mensagem é porque o sistema de Eulália deu certo e nossa voz já não estará condenada ao esquecimento.

3

CALÊNDULA, CAMÉLIA, CAPUCHINHO, CENTÁUREA, CRISÂNTEMO...

A casa sempre despertou cobiça. Primeiro, de vagos parentes, lobos esfomeados; assediavam minha viuvez e fiavam-se na ausência de meus filhos. Depois, vieram as imobiliárias – as incorporadoras descobriram este subúrbio, que um dia abrigou chácaras e casas de campo –; querem botar abaixo o sobrado, vender suas partes nobres e erguer um monstrengo no lugar. E, por último, aqueles lá fora. Aos poucos, o estilo da casa foi sendo desfigurado; a beleza sempre perde para a necessidade. Primeiro, um muro: quatro metros de altura, onde antes havia uma grade de ferro forjado, de invejável acabamento; depois, as portas corta-chamas, de aço, com fechaduras reforçadas e ferrolhos, no lugar das portas de madeira de lei, entalhadas; o passo seguinte, a cerca elétrica e o alarme. Há semanas não entram, mas sei que é apenas uma questão de tempo.

rdim

4

DÁLIA, DAMA-DA-NOITE, DIANELA, DRACENA...

A cerca elétrica foi um recurso ao qual resisti enquanto pude. O chefe dos instaladores tentou me engabelar: *A senhora vai se acostumar, todo mundo se acostuma; além disso, a cerca elétrica dá um toque moderno, valoriza a propriedade.* Condescendi. Um dos operários foi menos sutil – afinal, sou uma senhora idosa, de aparência frágil e gestos senis: *O serviço é garantido, dona, corrente alternada, 12 mil volts, segura até cavalo.* O chefe dos instaladores fez os cálculos: *Cento e dez metros de muro... Isso requer trinta hastes de metal, com isoladores, e cinco linhas de arame 20; total: 550 metros. Mais a central eletrônica com alarme... Não sai barato, senhora, mas é serviço garantido. Mal completaram o serviço, o comandante do posto policial apareceu: Reza pra ninguém levar uma descarga fatal, velha maluca! Isso dá processo, não sabia?"*

5

ESTRELÍTZIA, ESPATIFILO, ESPIRRADEIRA...

Os primeiros eram miúdos e sujos, quase de dar pena. Eu lhes dava comida. Eles jogam tudo fora, no pé da árvore, na esquina, alertaram-me, não é comida o que querem. Eulália resmungou que aqueles talvez fossem só os mensageiros. Entraram por um buraco onde mal passava um gato magro. Levaram coisas que dormiam do lado de fora da casa: ferramentas de jardim, vasilhas, roupa de cama... Depois, levaram coisas preciosas: a bicicleta do filho, há anos sem dar notícias. "Paradeiro desconhecido", consta do boletim de ocorrência. E um vaso de cerâmica, com um bonsai, deixado pela filha – ela não está mais entre nós. Ouvi ruídos, alertei a Eulália, mas nada podíamos fazer, a não ser antecipar as doses de calmantes.

6

FALENOPSE, FÚCSIA...

Os sensores de presença, os holofotes e as câmeras são nosso último recurso. Eulália suspeita que a empresa de segurança tem alguma relação com os invasores: Uns fabricam o medo, outros o comercializam, ela disse – Eulália às vezes diz coisa com coisa. Pelas câmeras os vemos: dormem no passeio, em pedaços de papelão, enrolados em cobertas imundas. Há fêmeas entre eles, a mais velha não tem mais que uns quinze anos; eu a nomeei "cadela-alfa" – Eulália repreendeu-me o linguajar. Não cedi. Hiena-alfa talvez lhe fique melhor, falei. Ela é seguida pelos machos, como numa matilha. Usam drogas e copulam na rua. Noutro dia, a vi em pêlo, o ventre estirado como uma fruta madura, pronta a rebentar. A qualquer momento, ela vai parir na rua, assistida pelos machos – eles se reproduzem numa escala desumana...

7

GARDÊNIA, GERÂNIO, GÉRBERA, GIRASSOL, GLADIÓLO, GLICÍNIA, GLOXÍNIA...

Noutros tempos, havia cadeiras no passeio; à tardinha nosso pai lia o Diário do Commercio e nossa mãe tricotava. A empregada servia refresco com fatias de tangerina numa jarra de cristal. Todos se foram: nossos pais, os vizinhos, os fornecedores, os pássaros. Acabaram-se os convites para rodas de "buraco" e novenas de casa em casa. Evitamos os novos vizinhos – ah, os hábitos desprezíveis desses adventícios, seus ruídos insuportáveis, sua música suburbana, sua vulgaridade... Mas o que sabemos dessa gente? Que talvez tenham armas – talvez os inveje por isso. Quem sabe também enviem pedidos de socorro, SOS silenciosos como os nossos. Noutro dia, vi subir um balão da casa de cima, com um pequeno objeto preso a um fio. Mal o balão passou da linha do muro, ouvi o estouro e os uivos de comemoração na rua. Um dia, também cheguei a pensar em balões. São inúteis, vejo agora. Lá fora, rondam dia e noite.

8

HELICÔNIA, HELIOTRÓPIO, HIBISCO, HORTÊNSIA...

Da janela, sempre vislumbro uma sombra atrás da cortina na casa da frente. Dos antigos moradores, os da casa da frente são os únicos que ainda resistem, além de nós. Não me lembro de quando foi a última vez que nos cumprimentamos e fizemos comentários sobre o tempo, sobre o cultivo de flores naturais e de orquídeas híbridas e trocamos travessas de cookies e bolo de frutas cristalizadas. Mas sei, e isso me basta, que a sombra que espreita atrás da cortina, na casa do outro lado da rua, vê a paisagem como nós a vemos deste lado: uma casa fortificada, numa rua morta, entre o rumor sinistro dos que rondam e uma sombra que espreita atrás da cortina.

9

IPOMEIA, ÍRIS...

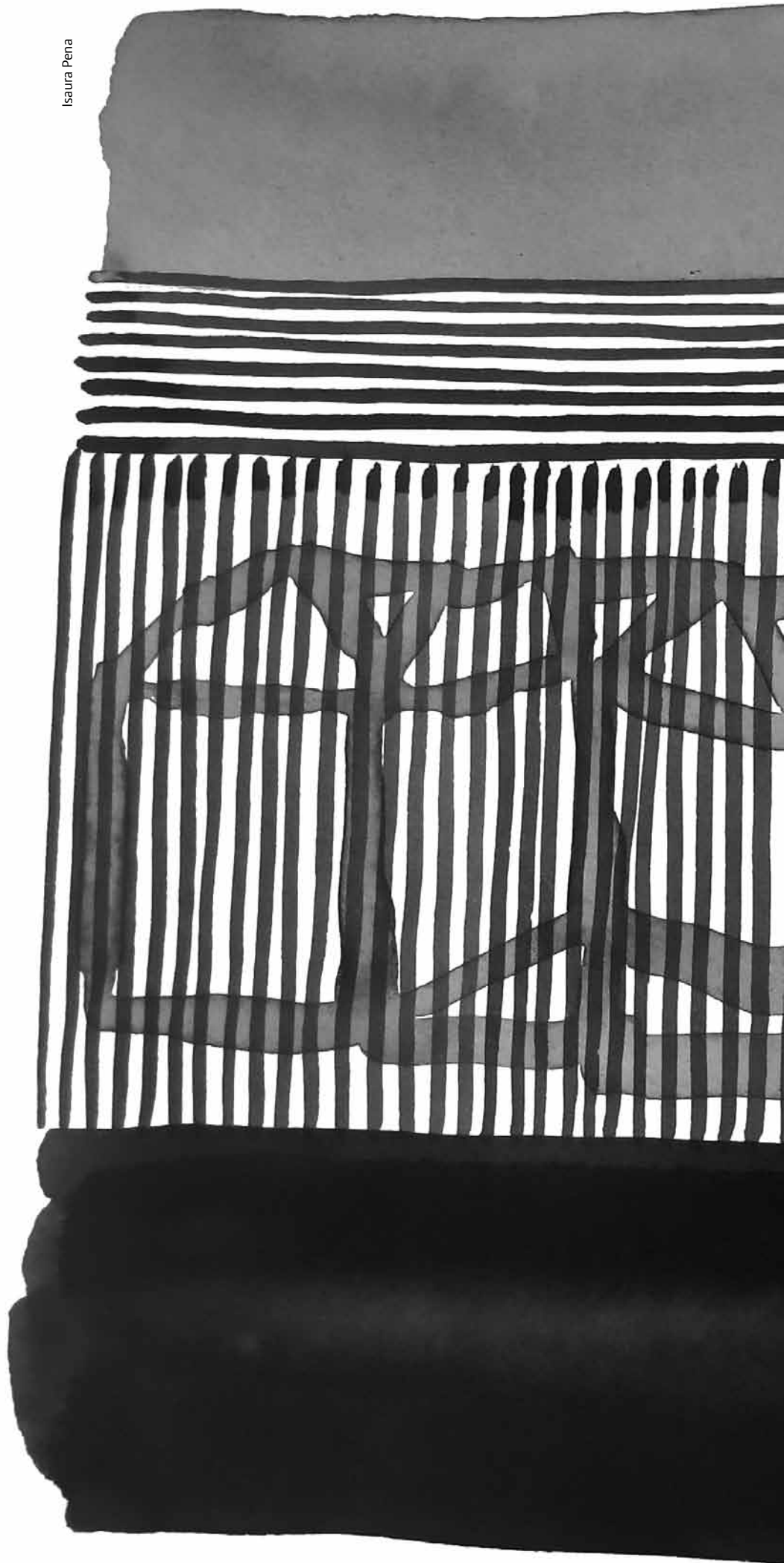
Por uma fresta entre o portão e o muro, é possível contemplar o centro da cidade, ao longe: ainda parece bonita a cidade à noite. Relembro o tempo em que meu falecido nos levava à sorveteria, depois da seção de cinema. As pessoas caminhavam nas ruas, trocavam cumprimentos... – Eulália garante que sonhei isso, que tudo não passa de miragem, como a de um naufrago –. O ipê roxo floria entre julho e setembro e cobria de pétalas o passeio onde as crianças brincavam com seus velocípedes, nas tardes ainda frescas que antecedia a primavera. Os galpões das empresas, antes prósperas, foram adaptados para templos. Alto-falantes conclamam os desgraçados sem trabalho e sem esperança a se prepararem para o Juízo Final. “Se Ele é por mim, quem será contra mim?”, repetem noite e dia, como mantras dementes.

10

JACINTO, JASMIM...

Hoje é um dia de luto: começamos a queimar os livros. Há semanas não fazem a entrega do gás. A empresa fornecedora deixou um folheto na caixa do correio: Por falta mão-de-obra..., etc., etc., etc. Todos sabemos que os trabalhadores têm medo das ruas. A decisão de começar pelas Bíblias foi minha, Eulália jamais tomaria tal decisão, é uma velha tonta e supersticiosa. Foram para a fornalha improvisada no piso da cozinha cinco edições no vernáculo e dezenas em línguas estrangeiras – algumas muito antigas –, e uma em braille: o falecido interessava-se pelo estudo comparado da palavra de Deus, ele anotava as contradições e ambiguidades, versículo por versículo. Mas seja em que língua for e em que religião for, os versículos não nos podem acudir – e quando éramos felizes, eles eram desnecessários. Fiz uma descoberta útil: o papel-bíblia é o que produz a chama mais intensa.

Isaura Pena



11

LAVANDA, LÍRIO, LÓTUS...

A biblioteca um dia foi nosso maior bem, hoje são as despensas. Um a um, os cômodos tiveram de ser adaptados. A cada manhã, repassamos despensa por despensa, eu confiro e Eulália dá baixa no livro-caixa: os estoques estão perigosamente no limite, a qualquer hora as provisões vão se esgotar e já não teremos como repô-las. A energia elétrica e a água ainda chegam à casa, mas esperamos para qualquer hora seu colapso. Hoje pela manhã, ao lavar a louça, a torneira parou; quando voltou, soltava bolhas e gorgolejos, que soavam como risos de escárnio, e cuspiam água de ferrugem. Enquanto escrevo estas linhas, a luz do abajur oscila, sei que toda a rede elétrica do bairro oscila porque ouço, vindo de fora, ganidos de comemoração.

12

MADRESSILVA, MAGNÓLIA, MARGARIDA, MOREIA, NARCISO, NENÚFAR, NINFEIA, OLEANDRO, OPÚNTIA, ONÁDIO, ONZE-HORAS, PACOVA, PAPIRO, PAPOULA, PELARGÔNIO, PERPÉTUA, PETÚNIA, RIPSÁLIA, ROMÃ, ROSA, QUARESMEIRA, QUÉRRIA, SÁLVIA, SANGUINÁRIA, SEMPRE-VIVA, TILÂNDIA, TINHORÃO, TRIÁLIS, TULIPA, VERBENA, VINCA, VIOLETA, VITÓRIA-RÉGIA, XAXIM, ZÍNIA...

Olho com angústia os canteiros: as plantas murchas, as pragas avançando, a terra ressecada; já não temos força para revolvê-la, preparar as sementeiras, produzir húmus, replantar os vasos, fazer a poda e os enxertos. Odores, texturas, cores, tons sobre tons..., o jardim é uma vaga lembrança de um tempo ordenado e carregado de promessas.

JETER NEVES

é contista (*Fratura exposta*, Ed. Comunicação, 1984, Prêmio Cidade de Belo Horizonte – 1983) e romancista (*A língua da Serpente*, Editora Lê, 1994). É o ganhador do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura – 2011, com o romance *Vila Vermelho*. O presente conto integra a coletânea *Quadros para um oratório*, Prêmio Cidade de Belo Horizonte, 1996, inédito.

diário da queda

michel laub

BERTA WALDMAN

1 O título do recém-publicado livro de Michel Laub¹ aponta para seu desfecho.

No meio do caminho, entretanto, ele alude a um acorde de múltiplas sonoridades: à ausência de uma rede de proteção que lança os personagens a lugares inimagináveis; à noção da inviabilidade da experiência humana; à exploração do “espaço biográfico” que dá voz à experiência; a diferentes formas de aniquilação; a abismos insondáveis de uma insuspeitada humanidade; à memória traumática transformada em objeto de indagação; ao esquecimento; ao dever ético de lembrar. Enfim, a diversidade de registros traça uma cartografia intrincada que sinaliza os caminhos da queda.

Para tramar tantos fios, o romance reúne e entrecruza três diários, e o relato se faz a partir do confronto de três gerações, representadas pelo avô, o pai e o filho narrador.

Escrito em primeira pessoa, não fica claro se se trata de autobiografia ou de uma autobiografia ficcional; talvez a *escrita do eu* seja apenas um recurso narrativo, embora o autor embaralhe dados próprios atribuídos ao protagonista, o que pode levar o leitor a pensar que se trata de uma autobiografia, tornando o relato mais crível. Por mais que o narrador passe a palavra ao outro, é de seu ponto de vista que se narra a história. É ele o responsável pela seleção dos

fatos, pela montagem do texto, pelo que se diz e pelo que se cala no romance.

2 O confronto geracional faz emergir um segmento temático voltado à memória individual e à memória coletiva. Como o avô é um egresso do campo de concentração de Auschwitz, com ele se repete à exaustão o mote que nós (talvez mais os judeus do que os não-judeus) não podemos esquecer o assassinato em massa consumado pelo nazifascismo que vitimou judeus, ciganos, homossexuais e outras minorias. O avô escapa do campo, viaja a Porto Alegre, casa-se com uma não-judia que se converte ao judaísmo e nunca, em tempo algum, se refere à sua experiência de prisioneiro. Ele acaba se suicidando e deixa 16 volumes de memórias escritos. O filho de 14 anos é quem abre a porta e encontra o pai morto, sem maiores explicações, por uma bala de revólver. Como o avô não dizia palavra sobre sua vida em Auschwitz, o leitor espera que os volumes revelem o que na vida velou. Mas não. Eles tratam de como a vida *deve ser* e não do que ela é ou foi. Lembrando um pouco os verbetes de Bouvard e Pécouchet de Gustave Flaubert que compõem um dicionário de ideias feitas através de citações, os textos do avô são também feitos de lugares comuns, mas tratam de higiene, acima de tudo. Talvez a limpeza

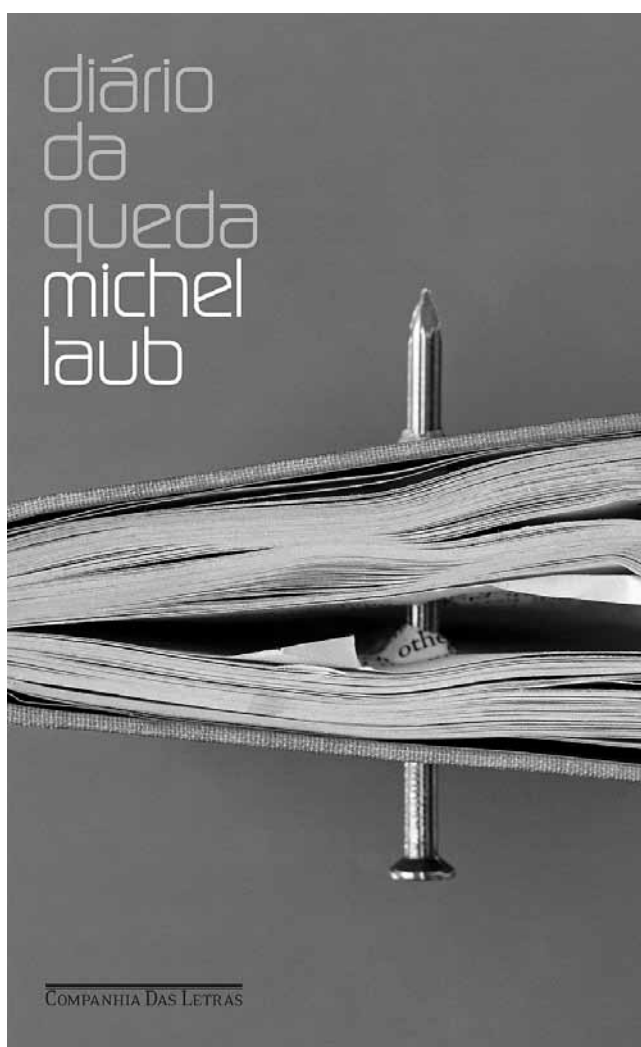
apareça como contraponto da sujeira invisível, mas sempre presente na vida humana. Veja-se o verbete:

Esposa – pessoa que se encarrega das prendas domésticas, cuidando para que sejam empregados procedimentos os mais rigorosos de higiene na casa e também para que no dia do marido não existam perturbações quando ele desejar ficar sozinho.

Se o avô não falava de sua vitimização pelo nazismo, o pai fala por ele, determinando o que todos temos que lembrar: o que uma maioria enlouquecidamente politizada é capaz de fazer com uma minoria, num esquema rígido de perpetrador e vítima. Ironicamente, ele sofrerá de Alzheimer e perderá a memória, diluída pela doença degenerativa.

3 Como o filho/narrador compõe seu livro em fragmentos numerados, o recurso permite transitar entre histórias e tempos; assim, ele vai e volta de modo fluido entre blocos narrativos, que ora têm o avô, o pai ou a ele próprio e seus pares como figuras centrais. A experiência marcante de sua vida adolescente é a que vive na escola judaica, onde se admitiu um aluno pobre, não judeu, filho de um empregado da escola, que vai pôr em evidência um outro lado da moeda. Nessa comunidade, os judeus são maioria e João, esse o seu nome, é motivo de chacota dos colegas. Enterram-no cada dia no tanque de areia, caçoam dele, até completar 13 anos, quando o pai resolve fazer uma festa para retribuir o convite aos colegas que sempre o convidaram à comemoração do ritual judaico de passagem para a idade adulta, que ocorre, para os meninos, aos 13 anos – *o bar mitzvá*. Uma festa pobre, uma comida pobre, os convidados da família são gente pobre. Os colegas de João combinam lançá-lo 13 vezes ao alto, como faziam com os demais colegas, só que, no décimo terceiro lance, deixariam que ele caísse no chão. O narrador se pergunta se ele participou dessa emboscada por causa dos outros colegas, se foi ativo na elaboração da ideia, se a culpa era dos outros, ou era dele:

Não sei se fiz aquilo apenas para me espelhar nos meus colegas, João sendo jogado para cima uma vez, duas vezes, eu segurando até que na décima terceira vez e com ele ainda subindo eu recolhi os braços e dei um passo para trás e vi João parado no ar e iniciando a queda, ou se foi o contrário: se no fundo, por essa ideia dos dias anteriores, algo que eu tivesse dito ou uma atitude que tivesse tomado, uma vez que fosse, diante de uma pessoa que fosse, independentemente das circunstâncias e das desculpas, se no fundo eles também estavam se espelhando em mim.²



... era só ter esticado o braço, só ter amortecido o impacto e João teria levantado, e eu nunca mais veria nele o desdobramento do que tinha feito por tanto tempo até acabar ali, a escola, o recreio, as escadas e o pátio e o muro onde João sentava para fazer o lanche, o sanduíche jogado longe e João enterrado e eu me deixando levar com os outros, repetindo os versos, a cadência, todos juntos e ao mesmo tempo, a música que você canta porque é só o que pode fazer aos treze anos: come areia, come areia, come areia, góí filho de uma puta.³

4 Mais do que as histórias de extermínio dos judeus na Segunda Guerra Mundial, essa experiência é decisiva para o narrador. Agora, ele é parte do coletivo que agride o diferente e não sairá imune. Esse é o momento da perda da inocência, no qual se dá sua queda. Daí para frente ele terá que se haver com quem é, o que faz, o que deve ou pode fazer, seus limites, enfim. E sua inadaptação passa a se manifestar a partir desse ato, em conflitos consigo próprio, com o pai que não o salva, com o mundo, e o inferno vai ganhando espaço.

A sensibilidade e a delicadeza no trato de temas complexos e cotidianos, a riqueza nas descrições sensoriais, nas digressões, atribuem ao texto uma dimensão rica e interessante. Graças a essa estrutura, as revelações vão ocorrendo pouco a pouco e se interligando em diferentes pontos.

5 Como o avô egresso de Auschwitz não se refere ao passado, a alusão ao livro de Primo Levi – também ele egresso de Auschwitz – é feita repetidas vezes. O narrador remete sempre a *É isto um homem?* e estabelece uma linha cruzada entre aquele que cala e aquele que fala, tratando de tudo que concerne ao campo. Opostos, encontram-se no

desfecho de suas vidas: ambos se suicidam, manifestando a dificuldade de continuar vivos com a carga da memória da experiência da queda, cujo sentido a homonímia desdobra, ao se abrir em leque de significações. Assim, enquanto João cai e se machuca muito, é hospitalizado e custa a voltar a caminhar, a queda do narrador o leva a não conseguir encarar a si mesmo e a tentar forjar algum alívio através da bebida, desde adolescente.

Às voltas com o efeito de sua queda, o narrador vai para uma escola pública e aproxima-se de João. Os dois estão na mesma classe. Agora é João, fortalecido, que denuncia o amigo aos novos colegas e conta como ele foi desleal, como provocou o acidente. As causas e consequências deste acidente aparecem em diferentes momentos do romance, marcando a adolescência conturbada do narrador, e uma vida adulta problemática: a mudança de cidade, dois casamentos fracassados, o último em crise, além do alcoolismo, dão mostras dos conflitos.

6 A partir de ações que retornam, o autor constrói uma reflexão corajosa sobre identidades, afetos e perdas. Nela destaca-se a trajetória de seu pai, com quem o protagonista tem uma relação difícil, e de seu avô, o sobrevivente de Auschwitz, que se suicida e deixa 16 volumes de um diário secreto e bizarro.

Numa prosa que oscila entre violência, lirismo e ironia, com pausas para uma neutralidade quase documental na descrição de cheiros, gostos, sons, fatos e sentimentos, *Diário da queda* é uma viagem inusitada de um homem que precisa fazer uma escolha decisiva para nortear sua vida.⁴

7 Como o romance de Laub toca em questões voltadas ao testemunho e ao Holocausto, trago para discussão o livro *Homo sacer*⁵ em que Giorgio Agamben aponta para as profundas transformações ocorridas na cena política contemporânea com a instituição do que chama de biopolítica – o homem visado como corpo – e o surgimento do campo de concentração como paradigma do poder.

O autor se detém em entender a Segunda Guerra Mundial, momento em que a razão iluminista emancipada reduziu-se com sucesso à mera racionalidade instrumental da lógica da aniquilação. Oferece-nos em sua abordagem dos campos e do Holocausto uma compreensão abstrata do fato, aludindo menos a seus componentes históricos que a seu núcleo estrutural, de modo a poder estender, a partir de Auschwitz, sua interpretação de outros eventos de opressão no século XX.

8 O mesmo parece ocorrer com *Diário da Queda*, de Michel Laub. Embora o nazismo se apresente através da biografia do avô e Auschwitz seja mencionado, esse dado repercute em outros momentos do romance que lidam com o sofrimento da aniquilação física provocado pelo *mal humano*, que o homem alberga dentro de si, exigindo a vigilância do *bem*, ou que se repare o mal de certa forma. Laub insere também informações que *corrigem* a história do extermínio de judeus, obtidas

através de pesquisa na internet; os 52 fornos crematórios existentes em Auschwitz não teriam a capacidade de queimar 4.756 cadáveres por dia, média necessária para se chegar ao número total de mortos das estatísticas oficiais. Aliás, esse tipo de argumento é utilizado pelos revisionistas para provar que não houve Holocausto, que é tudo invenção dos judeus. Verdade ou mentira? Isso não faria diferença para seu pai, para quem Auschwitz era, acima de tudo, um conceito em que se acredita ou não.

9 É importante trazer para a discussão o filósofo Theodor Adorno⁶, também ele citado no romance, que é sutil na maneira como se manifesta a propósito da memória. Ele não afirma que devemos nos lembrar sempre de Auschwitz, mas sim fazer tudo para que algo semelhante não se repita. Não defende as comemorações e as homenagens, mas uma luta contra o esquecimento. Se essa luta é necessária, é porque não só a tendência de esquecer é forte, mas também o desejo de esquecer. Há um esquecimento natural, necessário à vida, dizia Nietzsche. Mas existem outras formas de esquecimento negativas: denegar, recalcar, fazer de conta que não se sabe. Não se trata de tornar o passado presente para permanecer na memória enquanto registro de queixa, recriminação, acusação. Aquele que acusa e se queixa ocupa uma posição de superioridade em relação ao réu e se poupa de alimentar uma atuação esclarecida, reproduzindo o mesmo círculo vicioso de culpados e de vítimas. Com isso, não se pretende abstrair a questão da culpa, mas lembrar, com Primo Levi, que nos encontramos diante de uma analogia paradoxal entre vítima e opressor, e importa ser claro: “os dois estão na mesma armadilha, mas é o opressor, e só ele, quem a preparou e a fez disparar...”⁷

10 Se a culpa recai sobre o sistema, o estado totalitário como um todo, a quem compete julgar? Basicamente a ninguém, responde Primo Levi⁸, para quem não é possível “reduzir a rede das relações humanas dos *Lager* a apenas dois blocos, o das vítimas e o dos opressores”. A tendência maniqueísta à simplificação tende a propor a divisão da humanidade em dois grupos claramente distintos: o dos bons e o dos maus. A lição do campo, ao contrário, era que “o inimigo estava ao redor, mas também dentro, o ‘nós’ perdia seus limites e os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira, mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro”⁹. Definir o humano a partir de uma *essência* é, de certa maneira, repetir a lógica SS e sua repartição soberana entre humanidade alemã e inumanidade judaica, entre moral humana alemã, e venalidade sub-humana judaica, entre o patrimônio genético do povo alemão e a “vida nua” dos “piolhos” judeus, exterminados nas câmaras de gás. O novo imperativo talvez seja não apenas lembrar ou esquecer, mas mapear uma nova ética que impeça o circuito da repetição. Afinal, é isso o que o livro de Laub propõe. Ele recoloca todas essas questões abstratas vivenciadas em âmbito familiar, trata da lembrança e do esquecimento, de diferentes níveis de queda, mas desmascara as

diferenças rígidas entre bons e maus, nós e eles, mostrando como as personagens deslizam em seus papéis, fazem escolhas, sofrem, praticam crueldades e o contrário disso, têm sentimentos contraditórios e sobrepostos; nesse entretanto as identidades se erigem e se desmontam¹⁰. Afinal o romance de Laub é um romance de formação. Se o diário do avô apresenta o que a vida deveria ser, o do pai ordena a dele e a oferece simbolicamente ao filho, enquanto este põe o foco na existência em curso:

As memórias de meu avô podem ser resumidas na frase como o mundo deveria ser, e daria para dizer que as do meu pai são algo do tipo como as coisas foram de fato, e se ambos são como que textos complementares que partem do mesmo tema, a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares, o meu avô imobilizado por isso, o meu pai conseguindo ir adiante apesar disso, e se é impossível falar sobre os dois sem ter de também firmar uma posição a respeito, o fato é que desde o início escrevo este texto como justificativa para essa posição.

11 Quanto ao filho, é preciso deixar para trás a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e abrir espaços para continuar vivo. Dando relevo à câmara escura das lembranças e das observações que desenham uma espécie de topografia familiar em que o próximo e o remoto se mesclam, a opção do narrador pela vida marca o fim do relato.

1 Michel Laub, *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

2 Op.cit., p.22.

3 Op.cit., p.22.

4 É importante destacar que o romance coloca em foco a terceira geração pós Shoá e dá relevo a aspectos diferentes de como essa herança marca o protagonista.

5 Giorgio Agamben, *Homo sacer. El poder soberano y la nuda vida*, Pre-Textos, Valencia, 1998, trad. de Antonio Gimeno. O livro está traduzido para o português: *Homo sacer*, Minas Gerais: ed. UFMG, 2006.

6 Cf. o capítulo "O que significa elaborar o passado", de Jeanne Marie Gagnebin, *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo, editora 34, 2006, que retoma e discute a Dialética do Esclarecimento de Theodor Adorno.

7 Primo Levi, *Os afogados e os sobreviventes. Os delitos, os castigos, as penas e as impunidades*. (Trad. Luís Sérgio Henriques). São Paulo: Paz e Terra, 1990, p.10.

8 Primo Levi, op.cit., p.17.

9 Primo Levi, op. cit. p.22.

10 Remeto o leitor ao livro de Hans Keilson *Comédia em tom menor*. (Trad. Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011), publicado originalmente em 1947, em que o autor apresenta a história de um refugiado judeu na Holanda, após a ocupação dos Países Baixos, escondido por um casal de não-judeus. O judeu morre depois de um ano e o casal deixa um rastro que permitirá identificá-los como traidores do sistema, pois tinham auxiliado um judeu. Essa circunstância os obriga a se esconderem e viverem refugiados, postos ironicamente na mesma posição que os judeus. Essas mudanças de lugar interessam para romper oposições esquemáticas que, muitas vezes, prejudicam a reflexão sobre o ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial.

11 *Diário da queda*. Op.cit. p.146.



Renato Parada/Divulgação

BERTA WALDMAN

é crítica literária e professora titular de Literatura na Universidade de São Paulo.

às cegas

CONTOS DE BEATRIZ TEIXEIRA DE SALLES

ETERNIDADE

Risco, com a ponta da faca, seu nome em minha pele. Letra por letra. Saio com a ferida aberta ainda sangrando e a exponho à terra, ao lixo, à podridão. Quero que ela infeccione. E assim deixe marcas para sempre em meu corpo.

Não quero cicatrizes. Bastam as que trago em meu coração. Quero marcas. Testemunhos da minha história. No fundo, me apego a minhas dores e tenho medo de esquecê-las.

LÂMINA

Foi de repente, enquanto revirava a faca nas mãos e observava o reflexo da luz, que entrava pela janela, refletido na lâmina. No começo gostava de ficar ali, em pé detrás do balcão, arrancando os olhos daqueles peixes estranhos, vindos lá da terra do dono do restaurante.

Peixe de nome tão estranho que ela nunca tinha conseguido guardar. Não sabe explicar por que fora a única a aprender aquela técnica metódica de arrancar os olhos dos tais bichos. Ao que sabia, nenhum outro peixe tinha os olhos agarrados daquele jeito nas órbitas. Só aqueles eram essa peleja para "desolhar", ainda mais que os olhos tinham de sair intactos para serem usados na receita, senão o gosto ficaria insuportável.

Enfim, no começo ela gostava de ficar ali, sendo observada pelos fregueses. Muitos chegavam perto – principalmente crianças – e ficavam aparvalhados vendo sua destreza com a faca primorosamente amolada. Aí é que se esmerava mesmo – contornava lentamente o globo ocular, soltando devagarzinho a membrana que prendia o olho à cavidade, e, com um quase imperceptível cutucão com a ponta da lâmina, fazia o olho saltar inteirinho e cair na bacia, onde outros tantos olhos já repousavam.

No começo era novidade. De uns tempos para cá, já fazia o trabalho mecanicamente. Às vezes, enquanto "desolhava" os peixes, ia pensando na vida, buscando lá no longe tantas recordações. Naquele dia foi assim. Lá estava ela, soltando mais um olho, com o seu próprio olhar perdido vagando pelo salão do restaurante, quando parou. Tudo parou.

Sentada, sozinha numa mesa, lá estava ela, a outra. Ou não, a outra seria ela? Não importa a definição.

A mulher lá estava, com ar soberano e tranquilo de quem tem uma existência estruturada, onde tudo funciona como deve ser. Plácida. Foi essa a palavra que lhe veio à mente. Plácida. Aquela mulher parecia ter tudo, absolutamente tudo em sua vida resolvido, estabelecido. Naquele olhar não havia espaço para dúvidas, incertezas, angústias, medos. Aquela era uma mulher dona de seu destino – e quem sabe do dele também.

E foi perdida nesses pensamentos que ela nem percebeu ter saído de detrás do balcão. Foi só quando as pessoas começaram a gritar enlouquecedoramente que ela enxergou o que nem via: estava debruçada sobre a outra, lâmina firme nas mãos, retirando meticulosamente – como deve ser – o olho que restava no rosto tão plácido – e lívido.

ESCURIDÃO

O que ela não suportava eram aqueles olhos. Grandes, escuros, diretos. Olhos que devassavam sua alma, desvendavam seus pequenos segredos. Quando aqueles olhos se voltavam para ela, era como se ela fosse obrigada a se revelar. Era como se estivesse nua – corpo e alma. Mesmo que ela desviasse seus próprios olhos, não adiantava. Aquele olhar que tudo via, tudo conhecia, continuava cravado sobre seu rosto. Sobre sua vida. Era como se suas mentiras pulassem como peixes fora do aquário, escandalosamente visíveis. Explícitas.

Os olhos percebiam seu desconforto. E pareciam gostar de provocar isso. Olhavam, insistentemente, e fixamente encaravam os seus.

Um dia ela não suportou mais aquela eterna vigilância. Decidiu furar aqueles olhos. De alguma forma ela precisava se livrar daquele controle. Ao se aproximar do dono daqueles olhos que por tanto tempo a incomodavam, descobriu, perplexa, que eles eram vazios de luz. Eram cegos.

O RIO

Ana via o rio correr atrás de sua casa. Aquele movimento a atraía: incansável, constante, infindo. Era fascinada pelo rio. Por seu eterno correr. Talvez pelo que sua mãe lhe contara um dia. Seu pai – que ela nunca conhecera – fora embora um dia, seguindo o curso do rio. Quisera seguir aquele caminho, conhecer o que havia no rumo daquele rio.

E assim Ana crescera com aquela fixação pelo rio. Passava horas e mais horas, sentada no fundo do quintal de casa, olhando o rio. Aquilo lhe dava um sentimento parecido com o que ela acreditava ser paz. O rio, eternamente em movimento, constantemente em mutação. O rio.

Sua mãe lhe dizia que ela própria nunca tivera curiosidade de seguir o rio e desvendar seus mistérios. Para ela, bastavam os mistérios da dura vida esfregando roupas na suas beiras. Ana, não sabia por que, mas não conseguia deixar de pensar naquele rio – e em seus caminhos. Não conseguia deixar de esquecer seus olhos sobre ele, perdidos, largados sobre aqueles reflexos, quando havia sol, ou sobre aquela cor de chumbo, quando havia chuva. Sua mãe até brigava: "Sai da beira do rio, menina, vem pra dentro". Mas ela não conseguia. Era como se o rio a segurasse com uma força poderosa que a atraía, a prendia.

Naquele dia o rio estava escuro, quase viscoso. Havia chovido, horas antes. O barro descera da colina próxima, modificando seu leito. Caudaloso, denso, escuro, o rio passava. E ela, ali na borda, parecia compreender o que a água murmurava. Era um chamado, um apelo. O rio a chamava para ir com ele. Sabe-se lá para onde. Para onde o pai fora um dia? Quem sabe? Talvez pensando nisso, ela decidiu que sua vida era seguir – assim como o pai – o rio.



BEATRIZ TEIXEIRA DE SALLES
mineira e jornalista. Dividiu com o pai, José
Bento Teixeira de Salles, os textos do livro *Tarde
manhã*. Atualmente, trabalha na assessoria de
comunicação do Iepha.

MENOR

CANTO

ROBERTO PELLEGRINO

CONTOS DE CARLOS

GRATIA PLENA

A notícia surpreendeu a todos: fora promovido ao posto de Sargento-mór da Companhia de Infantaria Auxiliar dos homens pardos, com a expressa recomendação e as bênçãos dos céus, mais não fosse. Comentou-se, porém, ter sido o milagre da iniciativa do próprio Conde, sem interferência alguma, por só reconhecimento aos bons serviços prestados durante anos no zelo dos assuntos da Coroa.

Isto posto, o ânimo voltou a correr nas entranhas do velho militar exausto de supostas guerras. A ordem lhe veio entregue pelo ajudante, que no exercício da curiosidade irrefreável, desatou a fita que prendia o selo oficial à encomenda e tomou ciência do conteúdo reservado. Depois, pressionara o lacre com a ponta de baioneta para que o fechamento se tornasse outra vez definitivo.

A notícia correu boca dando conta de que Dom Fuão haveria de ser, de fato e de direito, nomeado Sargento-mór do Curral Del Rey.

Aquela noite não houve como cerrar os olhos no sono, até que se consumissem as horas vagas, ponteando os desvãos da obscuridade, quem sabe em busca de fantasmas.

Imaginou a soldadesca, na manhã seguinte, a indagar quem seria. Dom Fuão haveria de mostrar-se senhor de si, de mandos e desmandos compatíveis. Sabia que, a partir de então, a vida não seria mais a mesma, as coisas tinham mudado num lampejo. De pacato passou a saudação de todos. Procurou refúgio no covo dos lençóis, mas não encontrou sossego nem no calor dos travesseiros. Estava só e feliz.

Com o dia ainda mal clareado, fardou-se diante do espelho. Calçou polainas de pelica negra e aprumou o tricórnio de feltro andaluz, no melhor estilo fidalgo. O espadim com empunhadura de alpaca viera do Rio em cavalo expedito.

Desdenhava a inveja dos companheiros, enquanto que, das mulheres, se encarregaria no tempo certo.

Encomendou bordadura de três listas encarnadas para cada braço, a serem costuradas abaixo dos galões de fios de ouro que cascadeavam desde os ombros. Pensava, pensava e pensava com indisfarçável delícia. Afinal de contas, fora pelos seus méritos, imaginava vaidoso.

No dia aprazado para a unção militar o contingente se manteve galhardo para as honras de estilo sob o sol escaldante dentre os sete degredados arregimentados em fila indiana.

Passado mais pouco tempo, do boletim de serviço constou, com letra indelével, que Dom Fuão, na qualidade de Sargento-mór da freguesia, havia exercido os deveres de ofício por exatos quatro meses antes que um mal súbito fulminante o tivesse surpreendido num aposento do bairro baixo, na companhia de uma sabida moça-madame, que o deixou com os olhos baços de espanto.

Ataviado como estava, farda nova, polainas e espadim, foi trasladado, levando na fisionomia o sono eterno.

PROVEDOR DOS QUINTOS

Finalmente recebera a tão almejada prebenda. Veio a galope na anca do cavalo ajaezado para a ocasião. Atarantado, o Sargento arquejava o cúmulo da felicidade, trocando passos de um lado a outro, marcando os chinelos na marcha interminável. Distribuiu ordens à soldadesca imaginária na riqueza de subterfúgios.

A mulher, dissimulando a cumplicidade, só ria daquilo que fora apenas de mão beijada e amores simultâneos nos seus olhares faiscantes.

Dia da posse, houve grande homenagem. Depois, uma semana de comemoração para a gente do lugar.

Mês seguinte, soube-se que haviam recolhido os teres e haveres antes de partirem no caminho sem volta. Que Deus os tivesse, o quanto mais longe, melhor.

DRAGÕES E OUTROS BICHOS

Da noite para o dia, a cidade foi tomada por um bando de homens vestidos em uniformes vistosos, botas de cano alto, lustrosas, esporas de prata velha, calça justa, dólma agalado com botões dourados de cima a baixo. Na cabeça, luzia o elmo ostentando uma miniatura de dragão sobressaindo em meio ao chumaço de crina branca.

Onde estivesse o Governador, os soldados iam atrás fincando marcha com ar turrão. Um deles, mais simpático que os demais, justificou a cara fechada, que servia para compor a seriedade do posto.

Na boca da noite, os dragões eram soltos e deixados horas inteiras na estrepitosa revoada.

Na vizinhança, ninguém dormia.

SANTO HOMEM

Faleceu da doença de bexiga o comendador João Leite da Silva Ortiz sendo seu médico Felipe Domingos de Gusmão, que cobrou pelo tratamento a quantia de 4\$800. Em minucioso testamento, Silva Ortiz cuidou dos detalhes para o enterramento, dispondo, até mesmo, sobre a roupa a ser vestida para as encomendações de praxe. Que haveria de ser sepultado com jaqueta de flanela do Reino, camisa de cambraia chinesa, abotoaduras de pedra preta, transparente, sapatos polidos, semblante pouco empoado e beiços com leve retoque para não parecer muito morto. Amém.

PRIMEIRAS NÚPCIAS

Moça prendada, ainda donzela, conquistara os sonhos do rapaz, que jurou amá-la e respeitá-la para sempre, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza até que a morte os separasse. Contudo, a promessa honrada não impediu que ele se fosse antes dela, de terno preto e borzeguim. Nunca de soube para onde o levaram. Nem cruz.

Guardou nojo durante dez anos até ir-se de mudada definitiva para Porto Novo do Cunha, p'los lados de Mar d'Hespanha, onde consta, tinha alguma família.

Do Curral d'El Rey levou saudades mais duas bruacas repletas de caréus sortidos.

DESENHO NO CÉU

Por acreditar nos astros, Diomedes era um obstinado colecionador de mapas zodiacais.

Não havia assunto livre da influência dos planetas que, a horas e graus próprios, tangenciassem o céu imaginário. Há anos garimpava nos brechós especializados em antigos alfarrábios. Depois os acondicionava em tubos de papelão resistente antes de amontoados no fundo de um armário guardado a sete chaves.

Preferia a tranquilidade da noite para suas viagens imaginárias por destinos incertos demorando-se em admirar cada ilustração nos seus detalhes e a infinidade de cifras zodiacais. Adalgisa e as filhas por não resistirem ao sono deixavam Diomedes livre para vôos cada vez mais distantes pelo universo imaginário.

A ESCOLHA DO NOME

Pela vontade da maioria, o nome estaria resolvido e guardado em segredo. Organizaram-se então pequenos comitês, levados pelos rompan-tes conterrâneos. Cada qual argumentou, convincente, pelo novo e o belo. O que mais houvesse.

O novo trazia ideia de coisa inédita, recém acontecida, atual, que nunca antes fora vista. Um novo horizonte surgia a cada manhã, esgueirando-se por entre a morraria.

Confiantes da justeza das ideias compostas, os que propugnavam pelo belo não tornavam a emoção. Diziam que, no Arrayal, os dias eram igualmente belos, do nascer ao por do sol, nada tendo, portanto, a ver com a novidade requerida.

Os mais sagazes buscaram suas razões indagando sobre o belo em si. Venceram a peleja noite adentro sem acordo, até que o dia seguinte amanheceu novamente aceso com um belo horizonte, definitivo e renovado, ficando assim para sempre.

PELA HORA DA MORTE

Finais de semana costumava visitar o túmulo do meu tio. Nos sábados, tirava o matinho que verdejava por entre as feridas do cimento, recolhia os galhos secos que sujavam a lápide e trocava as flores murchas dos vasos de granito embaçado pelo tempo. Uma vez por ano mandava cair sepultura.

Hoje, porque ameaçava chuva e o vento sopra frio, cheguei ao cemitério mais cedo que de costume. O portão de ferro estava fechado, seguro com duas voltas da corrente sem cadeado.

Entrei e fui diretamente para o túmulo do meu tio. Era um canto tranquilo, debaixo de um chorão que crescera rente ao muro. Fiquei surpreso ao ver que naquela manhã haviam demolido sepultura e empi-lhado, cuidadosamente, os tijolos na linha do meio-fio. Eu que até então nunca vira um túmulo aberto, por dentro, ainda com pedaços de madeira e terra espalhados, aquele parecia o fundo do mundo. Tiraram tudo o que havia dentro. Disseram que era para dar espaço para novos enterros, e que os restos antigos seriam transferidos para o ossuário construído, uma parede alta, feito colmeia, onde colocariam todos os ossos, inclusive os do meu tio. Mas como ainda não houvessem terminado a obra estava tudo provisoriamente guardado em caixas de papelão indicadas em ordem alfabética e guardadas nos bancos da capela. Disseram para que eu não me preocupasse porque teriam cuidado de não misturar as caixas. Em cada uma, o nome do falecido escrito em tinta vermelha, bem visível: meu tio Biaggio Antonio. Recomendei que não esquecessem do seu retrato, amarelado, o que estava no túmulo. Era a única foto dele, e para sempre.

A BOCA DO MUNDO

Com o tempo vieram o cansaço, a palpitação, as pernas bambas, tudo de uma vez. No espelho dava pena: o rosto esquelético, os olhos arregalados como naufrago procurando ar. Agora eu vou, meu filho. Mas ainda não era desta vez. Com o tempo, as mãos definharam e os dedos ficaram como pequenas cenouras. Não havia mais o que fazer, então faziam de tudo; sugestões estapafúrdias: beber água morna com os olhos voltados para uma imagem de Nossa Senhora, cuspir para cima, tomar, diariamente, duas porções de açúcar com uma de bicarbonato e suco de beterraba, benzer-se três vezes em toda esquina, e assim por diante. Mas tinha que ser paciente a pobrezinha, tão nova!

Dona Aurora chorava ao se lembrar das histórias do filho, quando criança. As lágrimas afluíam acompanhadas pelo burburinho rascante desde o fundo do peito. Outra vez, a asma. E todos se apavoravam com medo de que desta vez não escapasse. Depois se acalmava. Respirava fundo, enxugava as olheiras azuis e a angústia iminente. À noite dormia um pouco melhor. Sonhava com todos os anjos.

Um dia Dona Aurora deixou fugir o ar dos pulmões e não conseguiu reavê-lo. Foi nos braços de Teodomiro, que nunca mais se esqueceu da boca aberta parecendo querer engolir o mundo. Era tempo de férias. Dona Aurora ficou sozinha, como sempre.

Aos domingos, Teodomiro costumava pular o muro para visitá-la. Ficava um tempão espiando admirado as sebes de arbustos coloridos que dividia o cemitério, terminando num bem cuidado renque de ciprestes. Então saía reconfortado para mais uma segunda-feira.

REI DO PANO VERDE

Ninguém o superava nas matreirices no pano verde. Era capaz de genialidades, tacadas mirabolantes. Naquela jogada a bola da vez estava protegida por três outras, fora da sequência. Só milagre reverteria o prejuízo.

Com a leveza de um lenço de cambraia em mãos de princesa, reforçou o giz do taco e estendeu o braço, apoiando a mão espalmada no feltro da mesa. Entre os circunstantes o silêncio era profundo. Seis vezes ele ensaiou a jogada, deslizando o taco até a ponta dos dedos e voltando para a posição original. Mediu a distância com olhar de gato e encheu o peito e prendeu o fôlego comprido. Mirou longe. Foi uma pancada seca.

A bola resvalou pelos ângulos da mesa até morrer, maciamente, em lugar nenhum, exatamente onde ele não queria.

A CASA DO CHEFE

Em neoclássico duvidoso, com volutas forradas por cortinas azulestas e molduras brancas repletas de reposteiros e penduricalhos, a residência do Agente da Estação era considerada das mais bonitas do Arrayal.

Pelo ângulo direito, confrontava-se com o caminho antigo de Sabará; à direita, o canto circunflexo se abria para a Rua das Moças, também chamada Rua de ir à Missa, porque havia sempre alguém indo ou vindo da missa das dez; atrás, nos galpões da Cia., as freiras do Verbo Divino organizavam os bazares beneficentes, com distribuição de sucos de caju, mangaba, fruta-do-conde, jabuticaba, morango, manga, tamarindo, abiu, gabirola, cagaita, e a gente ria do nome.

Na frente da casa, a família estirava a preguiça cosendo o tempo.

A FILHA DA MÃE

Foi então que dona Idalina começou a esquecer o nome das filhas. Andava aos gritos pela casa chamando as meninas. Ao primeiro clamor da mãe as duas corriam solícitas para atendê-la antes que tirasse a roupa e saísse para a rua.

A caçula teve febre alta e ficou com uma perna fina do que a outra; desgostosa, a mais velha virou rapariga, e toda semana vinha visitar a mãe, na enfermaria da Santa Casa. Saía arrependida da vida triste, mas logo encontrava consolo.

VENTANIA

As folhas avermelhadas no bosque de quaresmeiras prenunciavam inverno chuvoso. Por causa do vento as árvores curvaram as pontas dos galhos parecendo fetos ainda imaturos para a vida apartada do ventre.

O pessoal recolheu os troncos e gravetos para o fogo rápido. Lidinha esfregou os braços com um maço de fibra de alfazema para circular o sangue das veias. De frio não morro, disse resoluta. Não morreria. Jacinto pôs mais lenha na lareira e cuspiu o conhaque fazendo crescer uma labareda azulada.

Naquele ano sentiram febre e calafrio.

BELAS PLUMAS

Trouxeram o alcerro para cantar numa grande jaula dourada, com pontas de arame retorcido. A plumagem colorida realçava o bico adunco. Alice ordenou que alcerro cantasse: canta, alcerro, mas não se ouviu o alcerro cantar. Esperavam dele um som qualquer, mas alcerro continuou mudo, indiferente, olhando os outros sem espanto.

Foi Nestor quem fez um sinal com o dedo pedindo para o alcerro cantar, mas ainda desta vez ele não cantou. Deram-lhe alpiste e umas rodela de cenoura de que tanto gostava, mas alcerro continuou impassível, indiferente.

Um dia ele abriu as asas e todos ficaram em silêncio, esperando que ele cantasse, mas, outra vez, ele não cantou.

Anunzziatta chegou de San Costantino e morreu no mesmo dia; então alcerro cantou.

Depois todos saíram, um a um, temendo que ele voltasse a cantar.



POEMAS DE NICOLE CRISTOFALO

QUATRO ÁRVORES

Em todas as pinturas
se esboçam quatro árvores
vermelhas de azuis tonais
como na música se nota
o degradê do som

os ramos se espalham pelo quadro
pontes e cidades
de caules maiores
e troncos em brasa
sustentando suas cores.

HUSKY

De dentro dos olhos
albinos
vejo a pelugem prateada
sobre o piso gelado
a neve macia do husky
experimentando a luz branca
que não se dissolve
em sua língua.

CADERNO

Naquela tarde
voltei da minha aula
de cordas
a mesma quantidade
de anos
e mal sabia escrever
e contar

quando dedilhei algumas
letras soltas
numa folha de impressões brancas
e compassos
ingênuos

impossíveis de se reproduzir
novamente.

BOSQUE DOS FETOS

Junto aos atalhos
o bosque dos fetos
entranha vapores
de feudos vizinhos
em águas translúcidas
séculos e pedras
e lembranças que
não sobem à superfície
mas vivem na placenta
acolhedora do lodo.

PARTITURA

I

Sobre os pássaros que inflam
suas penas
lamentando
em agudos tão altos
que apenas as folhas
nas pontas dos galhos
refletem suas impressões

em orvalhos
seus sentidos
não alcançam
o chão

II

Dentro da grama
as cordas vocais
se estendem pelas fibras verdes
e vão tocar nas patas dobradas
das cigarras
antes que
pela primeira vez
não escureça

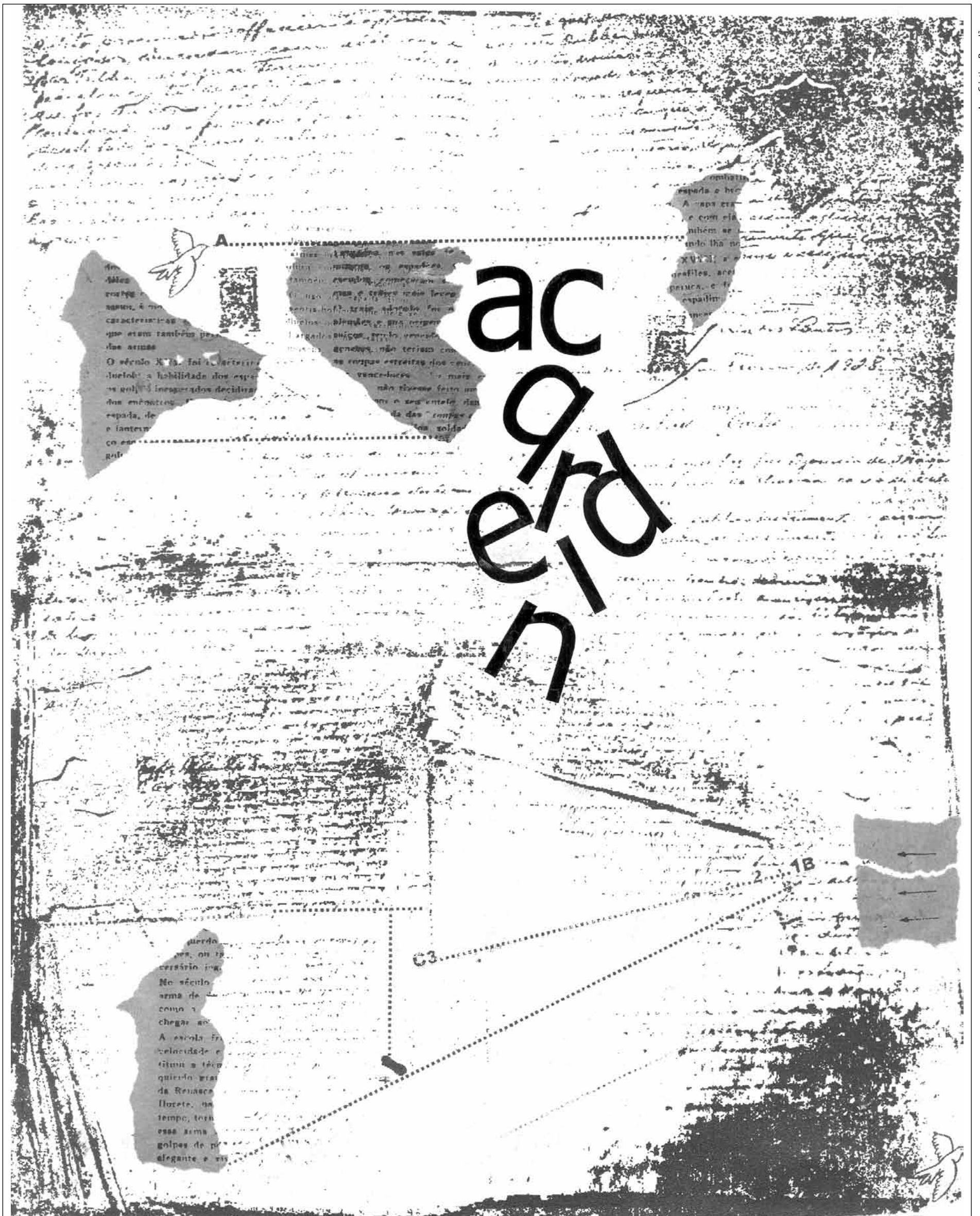
Enquanto a terra sob a grama
se aquece
o canto
reclama ao ar
até que as nuvens
se desfaçam
e seus lençóis
de cor morna
silenciem novamente

DUCHAMP

A vertigem
de um tempo pintor
pode ser refletida
no Grande Vidro
elétrico-gasoso
e sua profundidade
em discos ópticos
acessos ao acaso
ou se desmanchar
no gozo de uma tocha
entrepernas vista
pelo olho mágico
de uma porta alemã
desenhos descritos
nas lâminas da
queda-d'água
do seu quarto.

NICOLE CRISTOFALO

nasceu em São Paulo em 1988. Poeta e tradutora, cursa Letras na Universidade de São Paulo (USP). Esses poemas fazem parte do livro *linhas* (no prelo).



arma diilhas

CONTO DE ANTONIO CARLOS BRAGA

Ficou muito tempo estático. Qualquer movimento podia espantar as palavras que se aproximavam hesitantes, ariscas como pardais atraídos por migalhas de pão. Intrigante aparição cotidiana de um bando inquieto, destituído das morfologias características. Todos os indivíduos eram deformados, contornos mal traçados, vultos embaçados. Os sons não eram de asas. Chiados, zumbidos, corpos se esforçando para se manterem voando. Penas retorcidas, ossos à mostra, leprosos mutilados à procura de restauração. Palavras ou aves feridas numa tempestade de granizo?

Continuou como armadilha bem armada, arapuca infalível, respiração presa à espera do bote, lance de rede que apanhasse a maior quantidade desses restos estropiados. Sua ambição era cuidar delas em gaiolas bem construídas com extrema lógica para que formassem ao menos uma frase nova, uma revelação, algo que justificasse as madrugadas de tensão e espreita. Enquanto isso olhava para a coleção de ideias espalhadas ao redor. Não gostava do que havia ajuntado durante a vida. Apesar de diversas vezes ter desejado jogá-las no lixo, mantinha um apego doentio às tralhas verbais. Já estilhaçara algumas contra a parede, espalhara ao vento as mais leves, como se faz com as cinzas de gente cremada. Mesmo assim, rasgadas, inacabadas, amassadas, pulverizadas, voltavam como cachorros para lambar suas vaidades.

Como ele, um bem-te-vi permanecia imóvel em cima da casa vizinha. Imaginou-se olhando o mundo com os olhos do pássaro. Havia lido num livro zen-budista que isso era possível. Viu um mar de telhados escorrendo morro abaixo, quintais que nunca imaginara, uma geometria inusitada. Lembrou-se do ponto-de-vista dos relativistas e até de Einstein. Repetiu frase alheia: 'as coisas nunca são o que parecem ser'. Se existe um ser-em-si, jamais será conhecido, pelo menos encaixadas em palavras como as que estava esperando. Ficou remoendo essa filosofia banal, olhar perdido entre telhas, pássaros, o movimento das nuvens liberando e escondendo claridade. O tempo transcorria sem que percebesse as horas desde quando abrisse os olhos ao despertar cogitando opiniões sobre a vida, conceitos sobre Deus, sintomas psiquiátricos, política, as melhores maneiras para exterminar insetos, destruir o capitalismo e, principalmente, as velhas desculpas negativas para sua falta de caráter, seu terror pelas culpas e castigos que imaginava com muita criatividade. Também pensava coisas positivas para o sistema educacional, para os miseráveis, mas desistia imediatamente se lembrando da condição humana. Entre as coisas mais positivas que julgava fazer, uma era o café. Fumacinha subindo da xícara embaçando os óculos enquanto preparava o cigarro. Um pequeno intervalo diante da sucessão de fantasmas, protagonistas e figurantes de várias histórias que tinha vivido. Monges enclausurados, noviços cumprindo votos de silêncio, castidade, pobreza,

coisas mal compreendidas e opções mal feitas. A eterna dúvida sobre sua parte na infelicidade dos outros e a dos outros na sua.

Sentiu um repentino arrepio nas costas. Olhou para o termômetro na parede conferindo as coisas. Vinte e um graus. Não era frio suficiente para estimular o medo de adoecer. Tomou mais café lembrando-se do colégio interno em Juiz de Fora e do dormitório com sua cama na fileira encostada perto das janelas. Acordava antes do sino chamando para a missa e navegava sobre as nuvens pousadas abaixo das montanhas. Acompanhava a ascensão do sol pensando nas três tias velhas que viviam na cidade e na friagem que deviam sentir. Eram baixinhas, franzinas, ranzinhas e nunca o tinham visitado. Quando passaram dos oitenta anos as notícias sobre elas foram sumindo pouco a pouco. Agora, esperando pelo bando das palavras mutiladas, ficou curioso. Não sabia se tinham morrido ou, como as larvas das cigarras, criado asas e migrado para longe.

O vento sul tornou a manhã escura. Percebeu, por poucos minutos, a vulgaridade do cotidiano. Mas persistia na tocaia que forçosamente o levava de volta para os pensamentos. Não conseguia fugir da esperança de capturar a revoada e construir um sentido, uma clareza que também tinha sido a loucura do matemático René Descartes isolado numa cabana cercada de neve, só que numa disciplina diferente. Não queria palavras, mas um deserto silencioso onde percebesse apenas a presença de si mesmo e a potência do pensamento. Mas o que intrigava nessa comparação era imaginar como alguém podia pensar sem palavras. E insistia em sua atitude de paciente pescador.

Praias, rios, peixes nas piracemas do São Francisco, surubins, dourados, mandis, pias, pobres piabas em bando... e pronto. Lá estava ele de novo assistindo desfiles fantásticos entre a fumaça do café e dos múltiplos cigarros. Não tinha poder para se livrar dessas imagens flutuantes nem de se esquecer dos parentes que não existiam mais. Lembrou-se de Carlos Drummond de Andrade em Copacabana escrevendo 'Minas já não existe' ou, 'Itabira é apenas um retrato na parede'. E se achou muito idoso, quase caduco, por causa dessa tranqueira, esse verdadeiro ferro-velho de detalhes e coisas imprestáveis para a composição da memória.

Olhou o relógio como se tivesse hora marcada para algum compromisso. Os barulhos da cidade já incomodavam. Perdeu as esperanças na tocaia, na janela, e agarrou um lápis com angústia olhando para um caderno cheio de rabiscos. Começou a escrever a esmo procurando desculpas para não fazê-lo. Uma dor no pescoço, uma dorzinha na bexiga, as pernas formigando. Mas insistiu na escrita. Queria um texto sobre qualquer coisa, elegante, bonito, inteligente. Mas nada inteligível aparecia nas poucas frases. Vinham formadas por termos nascidos de suas neuroses, dores, mágoas, pirraças infantis. Sentiu-se ridículo por não conseguir nada proveitoso para os outros, algo interessante, mas não. Ficava diante do papel como se estivesse diante de um espelho esperando que Deus lhe revelasse o fantástico jamais escrito por um homem, em uma língua nunca sabida, sobre a origem e o destino de tudo. Uma Bíblia. O velho orgulho e a falsa humildade que o corromperam por toda vida. A janela, o papel, o lápis, o café e sua estúpida inutilidade, cercado por medos e um paredão de indecisões. 'O homem é uma falsificação de

valores e formas'. Pensou lembrando-se de Platão e dos modelos ideais imutáveis que residem na transcendência.

Mordeu o lápis e voltou-se para a inquiridora janela. O além dos olhos, o dia branco, sem sol, os pardais se agredindo por sexo ou farelos de pão. Lá em baixo mais de dois milhões de humanos, um milhão de automóveis que não via mas imaginava por causa de sirenes, roncões, buzinas e palavrões. Sentiu-se num aquário embaçado. Comeu lentamente uma banana, o olhar fixo no nada, o corpo frio e dolorido por causa da imobilidade. Uma ideia sinistra quis se intrometer, uma tragédia pior ainda conseguiu alguns minutos, mas nenhuma resposta para as questões obscuras sobre a vida. Apenas duas suposições obtiveram resguardo. A primeira era sobre a eternidade, a permanência. A vida seria uma constante sem interrupções. Apenas intercalada por fatos ilusórios como a morte. Uma história sem começo e sem fim. A segunda seria a ideia mais difundida, como a bíblica, ou como a da astrofísica que relata o big-bang. A primeira era mais atraente e fazia parte de uma palestra de Jorge Luís Borges citando um pensador nórdico do qual não sabia nada, nem o nome. Só a sugestão da constância vital. Aproveita para incluir recentes pesquisas sobre genética e DNA. Todas as experiências e histórias vividas pelos homens ficariam depositadas nos dna's. Uma infinita biblioteca derramada sobre a terra e voando pelos ares sendo sempre reabsorvida pelas mais diferentes criaturas e nelas se desenvolvendo também de formas diferentes. Por isso os homens e as genialidades repentinas, o progresso, as invenções, assim como as barbaridades e tormentos. Tudo por causa de dna's reunidos aleatoriamente.

Sem que percebesse, as palavras esperadas durante a tocaia caíram aos bandos sobre o papel em branco, desengonçadas, sem sentidos, mortas, aves podres em decomposição. Nada tinha o menor significado. Não era possível engatar a fileira, o fluxo, a torrente, a massa verbal num contexto legível. Com a cabeça entre as mãos, diante de pássaros, palavras, cansado de tanto esperar, dormiu. Em seguida tudo aconteceu naturalmente. Como fileiras de formigas, as palavras escorreram do papel, da mesa, foram ao chão e se juntaram às manchas do piso, aos farelos, ao pó encostado nos cantos. Mais tarde o vento terminou o serviço.

ANTONIO CARLOS BRAGA

mineiro, é um dos contistas que integraram a antologia *Contos Gerais* (Ed. Oficina, 1971) que reuniu, pela primeira vez em livro, a chamada Geração Suplemento.

DENTRO DE UMA

NOITE

POEMAS DE REYNALDO BESSA

uma noite despenca como uma fruta madura
lembranças sumindo feito pegadas na areia
fina saudade da casa que não mais me reconhece
o amanhã teima em me fazer promessas
por que isso, se já sabe quem sou?
nos olhos traiçoeiros da noite um novo rosto que faço
de travesseiro para repousar sonhos alquebrados

fui assaltado pelo tempo
ele levou meu coração
com ela dentro

vá
pode ir
dê voltas pelo mundo
faça amor aos montes
case de novo
tenha filhos
mas, daqui, de dentro de mim
você não sai.

eu e você
dentro de uma noite
cafés, perfumes, olhares,
você na frente
seu corpo dançava dentro de um *jeans*
eu estava orgulhoso como *Hemingway*
naquela foto ao lado de um peixe enorme
nem podia imaginar que um dia
eu seria apenas uma árvore
numa estrada escura

ele não está mais aqui
enquanto cai essa chuva de final de tarde
não terá mais que correr para alguma marquise e
ficar contando até dez entre um raio e um trovão.
nem terá mais que abrir seu velho guarda-chuva,
nem trazer o colarinho por sobre sua cabeça
não precisará também proteger seu relógio da água – ele não acre-
ditava em coisas a prova d’água –
sob a manga da camisa
a tarde e a chuva, em passos perfeitos de uma dança magnífica
riscam o nome do meu *pai* sobre o chão da minha memória.

REYNALDO BESSA

é músico, escritor e poeta. Já lançou cinco CDs. Em 2008 lançou seu primeiro livro *Outros Barulhos – Poemas* (Prêmio Jabuti 2009 – Poesia), que concorreu ao Prêmio Portugal Telecom de Literatura 2009. Em 2010 foi um dos finalistas do Prêmio Sesc de Literatura, com o livro de contos “Algarobas Urbanas”.

O NOME DO CETRO

ÁLVARO ANDRADE GARCIA

trecho de *O Ocidental*

eu sou o ocidental e encontrei uma toca no alto desse precipício e colori a noite com as cores
que desejei puras e fiz tudo ser eletrônico para obter brilho mesmo sem ter ainda a posse do
sol

e fiz tudo geométrico para saber com certeza das distâncias

sem dúvida padecemos de culpa padecemos de culpa

por que sofremos de vertigem e por isso subimos tanto para alimentar o verme enlouquecido
que nos habita

temos ânsia e não conhecemos o estômago por que nos alimentamos muito mais do que nos
caberia e esquecemos o corpo a ponto de considerá-lo outra pessoa

sem dúvida padecemos de culpa sem dúvida

este é o centro do ocidente nesse lugar reside um ponto nesse lugar falta uma palavra que seja
bem clara

aqui nessa terra fizemos nossa referência e cravamos nossa espada

construímos formas que nos cercam como bizontes e flamas de uma luz incendiária

aqui as imagens saltam sem som por que não se pode ousar com o nome do cetro

aqui onde encontro apenas meu nome me chamo e faço dele uma palavra que aglutina todos
esses corpos

todos esses fatos todas essas lutas todos os raios todas as guerras todas as dores todos os
autos todos os gemidos

que nos ergueram acima da terra e nos arremessaram uns sobre os outros com tamanha
voracidade

sem dúvida padecemos de culpa padecemos sem dúvida

ÁLVARO ANDRADE GARCIA
escritor e diretor de projetos audiovisuais e de multimídia.
Dedica-se à literatura desde 1985, tendo publicado 10
livros de poesia e 3 de prosa. É um dos autores pioneiros no
Brasil na experimentação da *poiesis* em meio digital. Toda
sua obra encontra-se disponível em www.ciclope.art.br